

## Capítulo IV

### A Solidariedade na Paixão do Senhor em Francisco

O mistério da Paixão<sup>1</sup> do Senhor é de fundamental importância para a espiritualidade de Francisco e, pode-se dizer, também para a própria ordem franciscana que foi identificada com esse nome<sup>2</sup>. Francisco “conservava sempre com amor admirável em seu coração Jesus Crucificado”<sup>3</sup> e aspirava se configurar a ele ao máximo<sup>4</sup>, a ponto de ser recompensado com a impressão dos sagrados Estigmas em seu corpo, fato inédito na história da Igreja, o que lhe valeu, por outra, a atribuição de “*alter Christus*”<sup>5</sup>. Assim “a humildade da encarnação e a

---

<sup>1</sup> Como mais abaixo se verá, ao se referir à Paixão do Senhor, Francisco não entende apenas o aspecto e os fatos relativos ao sofrimento e morte de Jesus, mas sim abrange igualmente a Ressurreição, a Parusia, a Ascensão, enfim a totalidade do mistério de Cristo. Assim como essa ótica está expressa na crucifixo de São Damião também o Ofício da Paixão o demonstra, incluindo toda a vida terrena de Cristo, desde o seu nascimento em Belém.

<sup>2</sup> Jacques de VITRY, escrevendo em 1221 durante a Cruzada, no capítulo 32 da *Historia Occidentalis II*, portanto ainda vivente São Francisco, chama a Ordem dos Frades Menores de “*Religião dos verdadeiros pobres do Crucificado*”. *Fontes Franciscanas*, 1032. Porém, observe-se a razão que o levou a atribuir esse nome. Não foi a centralidade da espiritualidade na Paixão do Senhor e sim sua mortificação e ascese: “Ninguém nessa ordem tem o direito de possuir o que quer que seja; usam apenas túnicas de lã com capuz; não têm capas, mantos, cogulas nem outras vestimentas. Se, acaso, são convidados a um jantar, comem do que lhes é servido. Quando se lhes dá uma esmola, não a reservam para o dia seguinte etc”. Não faz mais referência alguma à Paixão do Senhor, o que denota a visão ascético-moralista do autor.

<sup>3</sup> 1Cel 115. O hagiógrafo faz essa afirmação em relação a Francisco depois de haver narrado sua morte. Isto significa que o vê desde o ponto culminante de sua maturidade espiritual. No parágrafo anterior já dissera: “possuía Jesus de muitos modos: levava sempre Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus em todos os outros membros”.

<sup>4</sup> “Narramos estas coisas acerca de seu pranto e de sua abstinência, incidentalmente, para mostrar que depois da visão (do crucifixo de São Damião) tornou-se sempre conforme à paixão de Cristo”, diz a LTC 15. (grifo nosso)

<sup>5</sup> Essa denominação foi sendo como que “gestada” paulatinamente desde a primeira biografia de Celano ao mostrar sua profunda identificação interior com Cristo. Boaventura no prólogo a

caridade da paixão”<sup>6</sup> formam “os dois gonzos sobre os quais gira todo o edifício da cristologia franciscana”<sup>7</sup>. De fato, Francisco venerava sobremaneira a paixão do Senhor e fez dela o tema de sua constante contemplação. Ao longo da última década de vida foi compondo aquilo que hoje conhecemos como *Ofício da Paixão*, uma espécie de ofício devocional que ele rezava todos os dias e que é fruto de sua profunda contemplação do mistério de Jesus Cristo, pobre, humilde e crucificado e, ao mesmo tempo, meio para se solidarizar com aquele que deu a vida por nós e de obter força para viver a mesma solidariedade com aqueles que ele privilegiou.

Neste capítulo, sempre atentos à cronologia de sua vida, abordaremos quatro aspectos para aprofundar sua compreensão da paixão de Cristo e, nela, a dimensão de solidariedade de Cristo com os homens. Começaremos com o fato da “fala do Crucifixo de São Damião” visto, por alguns contemporâneos, como fato desencadeador dos estigmas que se manifestarão vinte anos mais tarde. O “Tau”, um símbolo franciscano também ligado à cruz, será alvo da reflexão no segundo item. Aí então olharemos brevemente para o “Ofício da Paixão” que, de per si, mereceria uma tese inteira. Por ser muito extenso nos ateremos à primeira série de seus 15 salmos. E por fim, num quarto momento, reuniremos outros aspectos, importantes sim, mas não merecedores de destaque especial: a paixão de Cristo em outros textos sanfranciscanos fora do Ofício da Paixão, o significado dos estigmas e, por fim, uma breve olhadela para seus biógrafos contemporâneos para ver como eles, naquele tempo, interpretaram a paixão de Cristo na vida de Francisco. É necessário dizer da grande dificuldade de afrontar este capítulo, pois, por serem textos abstratos e Francisco não dispor de uma linguagem própria para expressar a dimensão de solidariedade, se torna uma tarefa muito árdua e, ao

---

Legenda Maior identifica a Francisco com o Anjo do Sexto Selo (Apc 7,12) porque o selo que carrega (as chagas) o torna “imagem do Deus vivo, isto é, do Cristo crucificado”. Mais tarde, no início do século XIV, com a obra de Bartolomeu de Pisa (*De conformitate*) e também outras dos espirituais, a expressão “*alter Christus*” se torna consagrada. Para uma visão panorâmica e aprofundada deste tema veja-se a pesquisa de Stanislao da CAMPAGNOLA, *L'Angelo del sesto sigillo e" l'alter Christus*". Roma, Istituto Storico dei Cappuccini, 1971.

<sup>6</sup> 1Cel 84: “Sua maior intenção, seu desejo principal e plano supremo, era observar o Evangelho em tudo o por tudo, imitando com perfeição, atenção, esforço, dedicação e fervor, ‘os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo no seguimento de sua doutrina’. Estava sempre meditando em suas palavras e recordava seus atos com muita inteligência. Gostava tanto de lembrar a humildade de sua encarnação e o amor de sua paixão, que nem queria pensar em outras coisas”.

<sup>7</sup> J. DE GOITIA. *Un trozo de cristología viviente*, 431: “A humildade da encarnação, a caridade da paixão: em torno a estes gonzos gira todo o edifício da cristologia franciscana”.

mesmo tempo, arriscada de incompreensão. Em todos os casos, este é o primeiro ensaio de leitura nesta perspectiva. Seguindo nosso método, em cada item, buscaremos ter presente o contexto social e também pessoal de Francisco, a fim de perceber com maior clareza as circunstâncias e as razões do crescimento no apaixonamento<sup>8</sup> pela paixão do Senhor Jesus Cristo.

#### 4.1

### A experiência do crucifixo de São Damião, Solidariedade a Cristo?

É de conhecimento público que a vida de Francisco passou ao longo da história por um processo de mitificação. Formaram-se certos preconceitos (pré-compreensões) e se age sempre em base a eles, sem avaliar sua real historicidade. Entre os fatos da vida de Francisco que certamente passaram por uma espécie de “deformação histórica”<sup>9</sup>, está sua experiência com o crucifixo de São Damião, porquanto seus historiadores coetâneos a retêm como origem de sua “paixão pela Paixão do Senhor”, o que, como veremos abaixo, parece não corresponder à realidade histórica<sup>10</sup>. Aliás, mais do que isso: eles a vêem como um fato miraculoso que despertou em Francisco o amor imenso pela paixão, amor esse que vai crescendo até culminar com a impressão das Chagas no Monte Alverne. Para verificar a força e o conteúdo dessa experiência espiritual de Francisco vamos

<sup>8</sup> Preferimos denominá-la dessa maneira, porquanto o modo costumeiro de falar em devoção não expressa adequadamente a compreensão do que se passou na realidade.

<sup>9</sup> É assim que a denomina, entre outros, G. MICCOLI (*San Francesco*, p. 140, 182, 222 etc). Para o estudioso essas deformações ocorrem devido ao fato dos hagiógrafos quererem confirmar suas posições ou compreensões com os fatos supostamente ocorridos. O método hagiográfico não proíbe tal procedimento. No entanto, sofremos suas conseqüências ainda hoje, porque formaram um imaginário de compreensão do qual é difícil se evadir.

<sup>10</sup> É muito interessante que até K. ESSER, (*Risposta all'amore*, 43) com todo o seu cuidado científico, endosse tranqüilamente a leitura dos hagiógrafos como mostramos nestas passagens: “O mistério da cruz o comove até o mais alto grau, e a visão do crucifixo de São Damião marca o momento culminante de sua vida”. Depois tenta corroborar sua assertiva citando vários textos das fontes, tais como: “Desde aquele momento, apenas ouvidas as palavras do Amado, sua alma desfaleceu. E mais tarde o amor do coração se mostrará patente mediante as feridas do corpo. Daí em diante, por isso, não mais consegui reter o pranto, e chorou de tal modo a ponto chamar a atenção de todos sobre a paixão de Cristo que ele quase sempre tinha diante dos olhos do espírito” (2Cel 11). “A lembrança da paixão do Senhor permaneceu profundamente impressa no seu coração” (3Cel 2). “Toda a vez que recordava a crucificação de Jesus Cristo, não mais podia segurar as lágrimas e os gemidos” (LM 1,5). E ainda: “Francisco imergiu de corpo e alma no mistério da Paixão e o aceitou com todas as forças. Seja no externo quanto no interno, estava todo centrado na cruz do Senhor” (3Cel 2). “Aquela cruz admirável desde o início tomou posse dele de modo pleno e exclusivo” (2Cel 109). Parece-nos que realmente o autor não tomou a devida distância crítica dessas fontes.

aprofundá-la. Seguiremos para isso quatro passos: a) descrição fornecida pelos contemporâneos do fato; b) apresentação dos precedentes históricos a essa experiência para mostrar como não havia em Francisco as condições antropológico-existenciais para que se passasse a experiência assim como vem descrita pelos seus coetâneos; c) avaliação crítica das informações das fontes; d) uma possível significação deste evento para a espiritualidade de Francisco. Começamos relatando a descrição do acontecido segundo as fontes do século XIII.

#### 4.1.1

##### **A manifestação do Crucificado como vertente para a Paixão do Senhor**

Praticamente todas as fontes que narram o fato ressaltam que a “fala do Crucifixo de São Damião” desencadeou em Francisco o amor pela paixão. Celano<sup>11</sup> conta que Francisco, já interiormente mudado, passava pelos arredores da capela de São Damião e sentiu impulso de entrar e rezar. E enquanto lá estava, o Crucificado lhe falou: “Francisco, vai e repara a minha casa que, como vês, está toda destruída”. Sentiu uma sensação inefável que nem ele mesmo conseguiu exprimir. A essa ordem tratou de obedecer e entregou-se à obra da reconstrução da igreja. O biógrafo relata que “desde essa época, *dominou-o uma enorme compaixão pelo crucificado* e podemos julgar piedosamente que os estigmas da paixão desde então lhe foram gravados não no seu corpo mas no coração”<sup>12</sup>.

Com palavras mais ou menos semelhantes, Boaventura recorda o fato<sup>13</sup> e o situa imediatamente depois do encontro e beijo do leproso. Já antes de Celano e Boaventura, a LTC dizia que a fala do Crucifixo foi entendida por Francisco como uma ordem para restaurar a igreja de São Damião que, por ser muito antiga,

<sup>11</sup> É interessante observar-se que, apesar de Celano narrar a experiência diante do crucifixo como decisiva, na sua primeira biografia, datada de 1228, nem sequer lhe faz menção. A narração dessa experiência se encontra na somente segunda biografia de Francisco escrita em 1247, vinte anos mais tarde da primeira.

<sup>12</sup> 2Cel 10. (o grifo acima é nosso) E no parágrafo seguinte continua narrando: “Desde essa hora, em que o amado se dirigiu a ele, *sua alma se derreteu. Manifestou-se pouco depois o amor do coração pelas feridas do corpo*. Mas desde essa época foi incapaz de deixar de chorar. Diante da paixão de Cristo, até chorava alto. Encheu os caminhos de gemidos e não admitia consolação alguma, lembrando-se das chagas de Cristo”. (grifo nosso)

<sup>13</sup> “Diante dessa visão, derreteu-se-lhe a alma e a recordação da paixão de Cristo gravou-se-lhe tão profundamente no coração, que a partir desse instante dificilmente podia conter o pranto e deixar de suspirar quando pensava no Crucificado” (LM 1,5). A novidade em Boaventura é que o crucificado lhe falou três vezes, e não apenas uma vez como os demais descrevem. Os estudiosos costumam ver nisso sua “devoção” à Trindade.

ameaçava ruir de um momento para outro. Sentindo que estas palavras lhe apontavam um caminho para seu futuro, “ficou repleto de tanto contentamento e tão iluminado, que sentiu verdadeiramente em sua alma a presença de Cristo crucificado que lhe havia falado”<sup>14</sup>. Um dado interessante de se observar é que nenhuma das fontes escritas antes de 1240 (1 Celano, Vida de Juliano de Espira e Anônimo Perusino), dá notícias dessa experiência de Francisco. Os estudiosos se perguntam porque razão se tem esperado duas décadas para começar a transmiti-lo por escrito.

Conforme as três fontes medievais que relatam o caso<sup>15</sup>, resulta claro que a manifestação do Crucifixo de São Damião deve ter sido um momento muito peculiar e forte na caminhada espiritual de Francisco e que aí teve origem o amor de Francisco pelo Cristo crucificado, já antecipando, de certa forma, a impressão dos estigmas da Paixão do Senhor em seu coração, 19 anos antes da experiência do Alverne, de 1224. Como se vê, nenhuma das três fontes faz alguma menção explícita aos sofrimentos humanos dos pobres e leprosos com os quais Francisco convivia, porém, as três fontes são unânimes em antecipar a convivência dos excluídos à experiência de São Damião, como para dizer, embora não o afirmem, que esta sem aquela não teria acontecido. Mais recentemente já há quem entenda que, de fato, na base da experiência do crucificado está, de um modo decisivo, o encontro com o sofrimento dos “crucificados”<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> Depois de contar a manifestação do Crucificado, a LTC acrescenta este comentário: “Certa vez, caminhava sozinho nas proximidades da igreja de Santa Maria da Porciúncula, chorando e lamentando em voz alta. Ouvindo-o, certo homem, pensou que padecesse alguma enfermidade ou dor. E, movido de piedade, perguntou-lhe porque chorava. Francisco respondeu: ‘Choro a paixão do meu Senhor; não devo envergonhar-me de andar chorando por ele, em alta voz e pelo mundo inteiro’ (LTC 13-14).

<sup>15</sup> São elas: LTC 13; 2Cel 10 e LM 1, 5.

<sup>16</sup> Assim, por exemplo, R. MANSELLI (*São Francisco*, 60) diz que o “crucifixo de São Damião põe diante dos olhos de Francisco e lhe indica a dor de Cristo como valor sobre-humano na realidade da existência humana, como única força capaz de dar significado e sentido à dor dos homens”. Igualmente Luciano SANGERMANO (*Francesco, attraverso*, 351) escreve que “são as palavras do crucifixo de São Damião a dar um impulso decisivo às convicções do filho do comerciante, a fazê-lo abrir os olhos sobre as realidades tão diferentes na qual havia crescido; a fazê-lo observar, talvez pela primeira vez, os sofrimentos e a marginalização do próximo, reflexo das maiores e irrenunciáveis dores da paixão”. Porém, mais adequada ainda é a leitura feita por MANSELLI (*Francesco e i suoi compagni*, 183-200) no capítulo que tem por título: “Do sofrimento dos homens ao Cristo crucificado”, onde defende a tese de que sua conversão não consistiu na passagem para uma vida pauperística, mas sim em sua inserção entre os excluídos, sobretudo os leprosos.

#### 4.1.2

#### Contexto histórico-existencial de Francisco por ocasião da “fala” do Crucifixo

Ainda que seja algo muito difícil de precisar, convém localizar este evento na linha do tempo da vida de Francisco, pois isto facilita a compreensão do seu significado. Os historiadores modernos entendem que o Crucificado se manifestou a Francisco no outono (entre setembro e dezembro) de 1205. Porém, mais que o momento cronológico em si, significativo se torna o momento histórico-existencial de Francisco, isto é, o que ele estava vivenciando naquela época em sua caminhada pessoal. Tentaremos lembrar alguns elementos desse seu contexto existencial.

Há vários anos o filho de Pedro Bernardone passava por uma transformação interior certamente iniciada no ano de sua humilhação nas masmorras de Perúgia<sup>17</sup>, depois da malfadada batalha de Collestrada. Da prisão foi resgatado doente, muito provavelmente afetado pela malária<sup>18</sup>, uma doença que, mesmo superada na primeira fase, irá destruindo lentamente seu fígado, baço, pâncreas, estômago etc até leva-lo à morte por hidropisia. Celano conta que Francisco, uma vez resgatado e liberto, passou por uma grave e prolongada enfermidade (outra ou nova recaída sob os ataques da malária?) que o fez mudar o interior a tal ponto de achar loucura seguir a hierarquia de valores que antes vivia<sup>19</sup>. A experiência de

---

<sup>17</sup> LTC 4: “Durante a guerra entre Perúgia e Assis, Francisco com muitos de seus concidadãos, foi aprisionado e encarcerado em Perúgia”. E conclui assim o parágrafo: “Passado um ano, restabelecida a paz entre as cidades mencionadas, Francisco voltou com seus companheiros para Assis”. Não menciona o resgate e a doença na prisão. É interessante que R. MANSELLI (*São Francisco*, 53), tão cuidadoso para com os dados históricos, também não mencione sequer o papel da doença e resgate da prisão no processo de sua conversão, como o demonstram Pierre BRUNETTE (*François d’Assise*, 16), Franco CARDINI (*Francesco d’Assisi*, 69), Julien GREEN (*Hermano Francisco*, 60) e outros tantos.

<sup>18</sup> Há duas versões sobre a doença que afetou Francisco nesta época da vida: uma entende que Francisco teria sido acometido de uma doença pulmonar (pneumonia? tuberculose?) devido às condições pouco higiênicas da masmorra. Porém a maioria propende a acreditar que se tratou propriamente da malária cujas seqüelas o acompanharam pelo resto da vida. Um estudo levado a efeito por O. Schmucki com o auxílio de uma junta médica confirmou a versão da malária. D. SPOTO (*São Francisco*, 73) que conhece o referido estudo de Schmucki e presta muita atenção ao desenvolvimento das doenças de Francisco também consultou, recentemente, especialistas em medicina, corroborando a posição de Schmucki.

<sup>19</sup> “Prostrado por longa enfermidade, que é o que merece a teimosia dos homens que não se emendam a não ser por castigo, começou a refletir consigo mesmo de maneira diferente. Já um pouco melhor e firmado em um bastão, começou a andar pela casa para recuperar as forças. Certo dia saiu à rua e começou a observar com curiosidade a região que o cercava. Mas nem a beleza dos campos, nem o encanto das vinhas, nem coisa alguma que é agradável de se ver conseguia

seus limites o fez mais sensível aos pobres, não mais recusando esmolas a quem pedisse por amor de Deus. Passou a gostar de sua companhia: “Seu coração se voltava inteiramente para os pobres, a fim de vê-los, ouvi-los e dar-lhes esmolas”<sup>20</sup>. Até animou-se a fazer uma experiência de esmolar, sem ser reconhecido, pedindo em francês, por ocasião de sua peregrinação a Roma<sup>21</sup>.

Mas Francisco não pára aí no seu novo relacionamento com os pobres. Vai até aqueles que eram considerados “mortos-vivos”, os leprosos. Constituíam eles uma grave ameaça à saúde pública e, por isso, eram obrigados a viver afastados da população. Francisco, uma vez vencida a grande barreira da resistência humana (“*era deveras para mim insuportável ver os leprosos*” – Test 1) com um primeiro encontro começa visitá-los em seus tugúrios, distribuir generosas esmolas e servi-los caridosamente<sup>22</sup>, como diz a fonte mais detalhada sobre o tempo da juventude de Francisco.

Ainda na perspectiva de mudança de vida, é preciso recordar que ia crescendo em Francisco uma outra dimensão: a da oração<sup>23</sup>. Refugiava-se, sigilosamente, em uma gruta solitária nos arredores de Assis. Lá junto a Deus buscava, insistentemente, luzes para a decisão que dentro dele estava madurando.

Além da experiência da prisão, da doença, da crescente aproximação dos pobres e leprosos e da busca de luzes na oração, temos ainda o fato da Feira de Foligno. Os estudiosos ainda têm dúvidas sobre o momento cronológico exato deste evento na vida de Francisco: se ocorreu antes ou depois da experiência diante do Crucificado, também porque o Anônimo Perusino, que conta a versão mais plausível da “Feira de Foligno”, desconhece a manifestação do Crucificado. A tendência dos historiadores é, a partir do fato da Feira de Foligno conforme o

---

satisfazê-lo. Admirava-se por isso da sua mudança repentina e começou a julgar loucos os que amam essas coisas” (1Cel 3).

<sup>20</sup> LTC 8-9. Celano escreve que “desde esse tempo passou a ser quem mais amava os pobres” (2Cel 8).

<sup>21</sup> Boaventura depois de narrar a experiência de esmolar em Roma diz que “passou o dia cheio de alegria” (LM 1,6).

<sup>22</sup> LTC 11. Celano e Boaventura narram o mesmo fato, mas o mistificam porque o primeiro leproso que Francisco encontrou e abraçou (e beijou na boca!!!) sumiu misteriosamente (2 Cel 9; LM 2,6).

<sup>23</sup> LTC 12: “Havia uma gruta perto da cidade, à qual iam (Francisco e um companheiro) para falar do tesouro que lhes caberia. O homem de Deus que já estava santificado pelo santo propósito entrava na gruta enquanto o companheiro ficava esperando do lado de fora e, tomado pelo novo e especial espírito, orava a seu Pai na solidão”. Essa mesma busca de luzes na oração nas grutas é referida por 2Cel 9; LM 1, 4.

Anônimo Perusino, situar a experiência do crucificado pouco tempo depois<sup>24</sup>. Segundo essa fonte, na sua viagem para as Apúlias, a fim de participar da guerra no exército de Gualtério de Brienne e obter o título de cavaleiro, Francisco, obedecendo à voz ouvida no sonho em Espoleto, encetou o caminho de volta para Assis. Ao passar por Foligno vendeu tudo (armadura e cavalos) e regressava a pé a Assis, decidido a dar outro rumo à sua vida. Nas proximidades da sua cidade, passando pela capela de São Damião, entrou para rezar. Deixou, depois, ali o dinheiro para o melhoramento da capela. E, por aqueles dias mesmo pediu ao pobre sacerdote que lá morava para aceitá-lo em sua companhia.

Independentemente do fato da manifestação do Crucificado ter ocorrido antes ou depois da Feira de Foligno, o certo é que, por ocasião dessa sua experiência, encontramos um jovem que desde as masmorras de Perúgia refletira muito sobre o sentido de sua vida; um jovem que se viu repentinamente acometido por uma doença incurável; um jovem sempre mais sensível aos pobres; um jovem que se afeiçãoou aos leprosos e que busca com intensidade compreender a vontade de Deus a respeito de seu futuro. Ele tinha certeza de que não poderia continuar na mesma dinâmica de vida vivida até então. A oração que certamente compôs nesse tempo de busca (muito provavelmente antes da experiência diante do Crucifixo) é reveladora de seu momento existencial: pede luz para afastar as trevas do coração, pede o dom das três virtudes teológicas e, sobretudo, pede bom senso para cumprir a vontade de Deus, pois o que ele já estava vislumbrando parecia ser uma “loucura”<sup>25</sup>. Esta era, em poucas pinceladas, a movimentação dos sentimentos e disposições em seu mundo interior.

### 4.1.3

#### Breve avaliação crítica das informações das Fontes

A experiência de Francisco diante do crucifixo de São Damião, cronologicamente falando, é contada em primeiro lugar pela Legenda dos Três

---

<sup>24</sup> AP 6. Neste caso não teria vendido tecidos segundo a versão de Celano, mas sim sua armadura de guerra e os próprios cavalos (o de seu uso e o do escudeiro, como era costume de todo o *miles*).

<sup>25</sup> Eis a oração composta por Francisco: “Altíssimo e glorioso Deus, ilumina as trevas do meu coração. Dá-me uma fé verdadeira, esperança firme e caridade perfeita. Dá-me, Senhor, bom senso e inteligência para cumprir sempre a tua santa e verdadeira vontade. Amém”. A tradução brasileira das Fontes Franciscanas dessa oração (página 130-131) é muito deficiente, sobretudo na sua parte final que nada tem a ver com a original.

Companheiros (n.13), escrita entre 1244-1246<sup>26</sup>. Depois aparece na II Vida de Celano (n.10) de 1247, na 3 Celano (n.2), de 1253 e, por fim, na Legenda Maior (2,1), redigida uma década mais tarde, em 1263. Mas não aparece na Primeira Celano (1228), nem em Juliano de Espira (1232-1235), nem no Anônimo Perusino (1240-1241). Cabe perguntar por que nessas primeiras biografias não se mencionara o fato. A introdução deste novo elemento histórico teria se dado a partir da memória dos primeiros companheiros ou a partir da tradição oral que ainda estava muito viva?<sup>27</sup> E por que desde então se lhe tem atribuído tanta importância a ponto de imaginá-la como o desencadeador de seu apaixonamento pela paixão do Senhor e tão decisivo no seu processo de conversão, se nem o próprio Francisco lhe faz menção no Testamento?<sup>28</sup> São perguntas que ainda não têm uma resposta conclusiva.

É conveniente recordar, antes de olhar para as fontes, que os informantes são hagiógrafos<sup>29</sup> e não biógrafos, segundo nossos critérios de historiografia modernos. Para aqueles, adaptar os fatos a fim de torná-los portadores da mensagem que eles desejavam transmitir não era, necessariamente, faltar com a verdade. Por isso se faz necessário lê-los com critério, não atribuindo a cada pequeno pormenor valor histórico como nos alertam nossos historiadores contemporâneos<sup>30</sup>.

<sup>26</sup> F. URIBE. *Introducción a las hagiografías*, 208: “O primeiro momento corresponde aos primeiros 16 capítulos iniciais (nn. 2-67), redigidos depois do AP (1240-1241) e antes da 2 Celano (1247). A margem de tempo poderia ser reduzida ainda um pouco mais, isto é, entre o Capítulo Geral de 1244 e 1246”.

<sup>27</sup> Se fosse devido à memória dos Primeiros Companheiros deveria de alguma forma estar em alguma das fontes a eles relacionadas (Legenda Perusina, Espelho de Perfeição, *Speculum Minor*), etc. Porém também não se encontra em nenhuma delas, hoje conhecida.

<sup>28</sup> D. SPOTO (*São Francisco*, 282) avança a hipótese de que Gregório IX, em 1237, que até então negava os estigmas, passa a aceitá-los, como forma de angariar o apoio dos franciscanos, para quem era extremamente significativo o fato de Francisco ter sido o primeiro santo a carregar em si os sinais de Cristo, para suas iniciativas na Igreja. No entanto, “os dominicanos continuaram a negar e ridicularizar os supostos estigmas de Francisco”.

<sup>29</sup> F. URIBE (*Introducción a las hagiografías*, 62-64) apresenta as principais características da hagiografia medieval e franciscana

<sup>30</sup> R. MANSELLI. (*São Francisco*, 47) diz que na primeira biografia, Celano “tende a criar a quadros literariamente construídos segundo o ensinamento da técnica retórica da época, retocados em função das exigências da vida da Ordem e para a exaltação de Gregório IX, o amigo do santo, mas não é certamente um falsário e um mentiroso”. E na sua outra obra póstuma (*Francesco e i suoi compagni*, 51) o autor critica o mesmo hagiógrafo, pois, procedendo dessa maneira, “faz desaparecer a personalidade e a própria individualidade de Francisco”. Igualmente G. MICCOLI (*Francesco d’Assisi*, 182) conclui o confronto das fontes a respeito da descoberta da “*forma sancti evangelii*” com essas pesadas palavras: “Celano cria de modo totalmente arbitrário uma cena articulada e complexa, falseando a história dos fatos e situações. [...] Porém, convém recordar que isso não é primeiramente fruto de uma vontade consciente. As profundas mudanças existenciais e de cultura, que o próprio desenvolvimento da Ordem haviam introduzido, o levaram

Para Jean de Schampheleer, esse fato da manifestação do Crucifixo a Francisco já é lido pelos autores do século XIII à luz dos Estigmas do Alverne, motivo pelo qual exageram sua repercussão no processo de conversão e no futuro de Francisco. Tal procedimento desfigura a experiência espiritual do ainda jovem filho do burguês Pedro de Bernardone e lhe distorce a verdade histórica, fazendo perder de vista alguns elementos essenciais de sua espiritualidade<sup>31</sup>. Depois de uma exaustiva análise das diversas fontes coetâneas e sua interdependência redacional, esse estudioso conclui que, no momento da fala do Crucifixo de São Damião, Francisco não poderia ter ficado de modo algum impregnado de uma profunda tristeza pelo sofrimento de Jesus Cristo como essas fontes afirmam. Antes, quase ao contrário, teria sido tomado de uma intensa *alegria* porque o Senhor se manifestara a ele como resposta à sua grande busca do caminho a seguir. Ele observa ainda que houve uma crescente acentuação do aspecto miraculoso, que distancia a experiência da realidade. E aduz duas razões para sustentar essa sua tese:

a) Em primeiro lugar, porque a manifestação do Crucificado foi uma resposta para toda a sua longa e profunda angústia que nutria há uns 3 anos (desde o tempo de cárcere em Perúgia). Na experiência ele acabava de receber a luz que tanto pedira: iria ocupar-se da construção da capela, talvez na condição de um oblato. Era uma resposta à sua busca, pouco importando se mais tarde vai entender diferentemente a proposta do Crucificado. Por isso pede ao sacerdote para morar com ele. Assim sendo, não tinha porque ficar tão impressionado a ponto de “chorar a paixão do Senhor”. Seu clima interior era predominantemente de alegria e contentamento, que se pode constatar, em parte, na LTC 13, na versão atual: “Por estas palavras, ficou tão repleto de contentamento e tão iluminado...”<sup>32</sup>.

---

inevitavelmente a tal resultado. Quando Tomás de Celano escreveu a primeira Vida uma deslocação de fundo na vida da Ordem já estava em andamento e não mais era reversível. Dela Celano se torna a primeira significativa e meditada expressão”. Atualmente os estudiosos falam em “deformações” mais ou menos inconscientes de fatos do passado para justificar práticas em vigor, concepções mentais ou objetivas da obra.

<sup>31</sup> J. de SCHAMPHELEER (*El crucificado de San Damián*, 386) diz textualmente: “Quando os biógrafos contemporâneos afirmam que desde aquele dia levou em seu coração as chagas que levaria impressas em seu corpo no final da vida, estão falseando a verdade histórica e, aceitando o erro, se perdeu de vista alguns elementos essenciais para compreender a vida e a espiritualidade de Francisco”.

<sup>32</sup> J. de SCHAMPHELEER (*El crucifijo de San Damián*, 412) observa que na família de códices de Sarnano, o grupo de manuscritos mais antigos, se pode perceber uma evolução do texto: a frase latina original teria sido “*fuisse Deum qui locutus est ei*”. Depois se passou a “*fuisse Deum cum stigmatibus qui locutus est ei*”. Como isso ficasse muito estranho, os copistas mudaram para

b) A outra razão recordada por este estudioso parte, não mais da situação existencial de Francisco, mas sim do “objeto de sua admiração”. Francisco estava diante do chamado “Crucifixo de São Damião”, pintado em Assis (ou ao menos na Úmbria), segundo a arte de ícones Síria e com influência bizantina<sup>33</sup>. É fato notório que na Síria predominava a influência da teologia joânica<sup>34</sup>, para quem a crucificação é, ao mesmo tempo, glorificação. A luminosidade do corpo de Cristo pintado na cruz, seus olhos abertos, seus braços em posição de oração, a substituição da coroa de espinhos pela coroa de luz, os cabelos alinhados, a roupa sacerdotal, a igreja viva que ele gerou com seu sangue derramado na cruz etc, são uma tradução plástica desta perspectiva do evangelho de São João<sup>35</sup>. Neste crucifixo Francisco divisou, então, um cavaleiro vitorioso, um *miles*<sup>36</sup> que lutou até o fim de suas forças, e morreu glorioso. Cristo é o cavaleiro por excelência, o servo perfeito do Pai, o lutador que combateu na dor e no sofrimento para salvar os homens. Eis porque esse crucifixo que lhe oferecia a visibilização de seu grande ideal de vida não poderia ter feito Francisco verter lágrimas e nem ser o momento decisivo de um crescente apaixonamento pela paixão do Senhor que o levaria a uma sempre maior identificação com o Crucificado até culminar nos

---

“*fuisse Christum crucifixum qui locutus est ei*” como temos hoje. O autor observa ainda que nem as palavras “*et lumine illustratus*” (palavras que apontam para a dimensão miraculosa de uma quase aparição) estavam no códice mais antigo.

<sup>33</sup> J. de SCHAMPHELEER (*El crucifijo de San Damián*, 389) escreve: “Os estudos iconográficos sobre a origem e a evolução do crucifixo na arte, assim como a relação dos principais crucifixos anteriores ao tempo de São Francisco, dão toda a certeza de que o crucifixo de São Damião é de tipo sírio, influenciado pela arte bizantina, mas uma obra nitidamente umbra como o demonstra sua refinada execução”.

<sup>34</sup> J. de SCHAMPHELEER (*El crucifijo de San Damián*, 397) escreve: “Nós encontramos esta teologia (joânica) inteira na arte síria que, como se sabe, é sobretudo obra de monges, homens de oração e contemplação, que plasmavam seus ícones no que eles haviam meditado e vivido prolongadamente”.

<sup>35</sup> O. van ASSELDONK (*Il crocefisso di San Damiano*, 467) diz que Francisco retrata esta perspectiva joânica também no Ofício da Paixão: “De fato, os textos do Ofício da Paixão revelam um Cristo vivo, glorioso na sua *Beata Passio*, um Cristo-Senhor, Filho do Pai, Deus-Homem, que sofre, morre e ressuscita, sobe ao céu à direita do Pai, donde virá, na glória, para julgar os vivos e os mortos; um Cristo, cordeiro de Deus, que se une intimamente à vontade de seu Pai santo, santíssimo, convidando todas as criaturas, homens, animais, anjos e o cosmos a bendizer, louvar e agradecer pelo bem da Salvação”. Por outro lado, o Ofício da Paixão no seu todo e o Salmo seis em especial são o retrato do crucifixo de São Damião nesta mesma perspectiva joanina, como também diz M. A. LAVILLA MARTÍN (*La imagen del Siervo*, 273).

<sup>36</sup> Considerando-se que ser cavaleiro era uma das profundas aspirações de Francisco e que exatamente por este tempo ele partira para as Apúlias para obter esse título é pertinente a observação de J. de SCHAMPHELEER (*El crucifijo de San Damián*, 418): “Com seu agudo sentido de observação, com sua sensibilidade de artista, Francisco vê no Cristo de São Damião o verdadeiro cavaleiro que combate até a morte, porém que triunfa, provocando admiração e júbilo em torno dele: nos personagens do crucifixo, em Francisco que contempla o Cristo luminoso, Cristo que é espírito e vida (Jo 14,6), é o caminho a seguir, a verdade e a vida”.

estigmas do Monte Alverne, em 1224, 19 anos depois<sup>37</sup>. Há, pois, pouca probabilidade de que a experiência com o Crucificado de São Damião tenha tido para Francisco o conteúdo que os hagiógrafos lhe atribuem.

#### 4.1.4

#### Sentido do crucificado de São Damião para sua espiritualidade

Jean de Schampheleer escreve, já tendo presente a tese de doutorado de Laurent Gallant, que o crucifixo de São Damião apaixona Francisco, porque ele sente o Cristo, como o servo (*miles*) perfeitamente obediente, devotado ao seu Senhor, e não porque Cristo sofre a paixão. Mesmo crucificado apresenta-se como vencedor, por ter cumprido o mandamento do seu Senhor que é “amar até o fim”(Jo 13,1), até o limite de suas possibilidades. Nesse amplexo de amor estão, necessariamente, incluídos os inimigos, razão pela qual Cristo está na cruz. O modo de amá-los, segundo o *Poverello*, será retribuir-lhes o mal com o bem e tratá-los como verdadeiros amigos, porque eles, enquanto são a nossa cruz, também nos salvam, como ele escreve na Regra não Bulada, num capítulo que muito provavelmente é totalmente pessoal, qual um testamento que estava deixando aos irmãos antes de ir entre os sarracenos, de onde talvez não retornaria com vida<sup>38</sup>.

<sup>37</sup> J. de SCHAMPHELEER (*El crucificado de San Damián*, 416) conclui sua análise textualmente: “Como conclusão da análise das fontes, se comprova uma evolução evidente, uma ampliação do maravilhoso e uma interpretação dos fatos que se aparta cada vez mais da realidade. O que na I Celano eram simples fatos diferentes, agrupados pelo autor, na II Celano e em Boaventura se convertem em algo cheio de significado. Celano quer ver nisso uma progressão de Francisco para Cristo, progressão que desembocará na estigmatização de 1224, porém que espiritualmente já começa diante do crucifixo de São Damião. Como dissemos antes, o acontecimento das chagas, desvelado em 1226 após a morte de Francisco e contemplado ‘por mais de 50 irmãos, além de incontáveis seculares’ transformou por completo a maneira de ver o Santo de Assis. Os próprios biógrafos não deram importância ao fato de que o Crucifixo de São Damião não representava em absoluto um Cristo torturado e ensangüentado, mas um Cristo vivo, tranqüilo e sereno. Tão pouco tiveram em conta as disposições de Francisco quando buscava uma resposta do Senhor em sua oração. Na verdade, Francisco descobriu progressivamente o mistério total de Cristo, até a cruz, e este descobrimento desembocará na estigmatização”.

<sup>38</sup> “Atendamos todos, irmãos, ao que diz o Senhor: ‘Amai os vossos inimigos e fazei o bem a todos os que vos odeiam’. Pois também Nosso Senhor Jesus Cristo, cujas pegadas devemos seguir, chamou de ‘irmão’ o seu traidor e se entregou de livre vontade aos que o crucificavam. São pois nossos amigos todos aqueles que injustamente nos infligem tribulações e angústias, opróbrios e injustiças, dores e tormentos, martírio e morte. A esses devemos amar muito, porquanto pelo mal que nos fazem teremos a vida eterna” (RNB 22,1-4). Encontramos a mesma idéia em várias outras passagens dos escritos de Francisco: “Diz o Senhor: ‘Amai os vossos inimigos’. Ama verdadeiramente seu inimigo aquele que não se contristar pela injúria dele recebida, mas por amor de Deus se afligir com o pecado que está na alma dele, e por meio de obras lhe manifesta sua caridade” (Adm 9). Na *Regra Bulada* prescreve que os irmãos “devem amar aqueles que nos perseguem, censuram e atacam, porque diz o Senhor: ‘Amai os vossos inimigos e orai pelos que

Nosso parecer é de que Schampheleer<sup>39</sup> observa, acertadamente, que os hagiógrafos contemporâneos a Francisco antecipam para o momento da fala do crucificado algo que, só depois, Francisco desenvolveria num processo crescente. Os hagiógrafos estão tão profundamente marcados com o fato extraordinário dos estigmas e, sobretudo, também interessados em difundi-lo como o selo distintivo da igualmente extraordinária santidade de Francisco, que acabam encontrando num dado da juventude um fator propulsor, quase único, de um processo que, na prática, teve várias outras vertentes e até mais decisivas do que aquela dita manifestação do Crucificado.

Mesmo não sendo o momento para maiores detalhes, convém dizer aqui uma palavra sobre o itinerário percorrido por Francisco para se apaixonar pela paixão de Cristo, que certamente, como todo o processo humano, terá sido lento, gradual e crescente. Raoul Manselli é de parecer que Francisco partiu do sofrimento humano para chegar ao sofrimento de Cristo<sup>40</sup>. Argumenta que Francisco não se converteu a um modo religioso de viver (quer dizer, não entrou numa Ordem Religiosa) e nem fez uma opção pela pobreza, fato bastante comum naquele tempo. Se ele chegou a escandalizar a família e a cidade, foi exatamente porque passou para o lado dos sofredores de todo o tipo, especialmente dos mais sofredores de todos, considerados “mortos-vivos”, que eram os leprosos, únicos personagens dentre os excluídos que irá, mais tarde, às vésperas da morte, lembrar no Testamento. Essa participação nos sofrimentos humanos vividos por “motivação de fé”, o fez descobrir Cristo e os sofrimentos de Cristo. Evidentemente que com isso não pretendemos excluir a intervenção da graça divina, pois o próprio Francisco confessa que “foi o Senhor que o conduziu no meio dos leprosos”. Queremos, antes, frisar o papel importante e decisivo que

---

vos perseguem e caluniam. Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus” (RB10,10-11). E ainda na *Carta aos Fiéis*: “Devemos amar os nossos inimigos e fazer o bem aos que nos odeiam. Devemos observar os preceitos e conselhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Devemos também renunciar a nós mesmos e submeter os nossos corpos ao jugo da servidão e da santa obediência, como cada um prometeu ao Senhor” (2CtFi 38-40). Trata-se, portanto, de um pensamento profundamente impresso em Francisco, constitutivo de sua espiritualidade e não uma idéia insignificante ou ocasional.

<sup>39</sup> J. de SCHAMPHELEER (*El crucifijo de San Damián*, 416) conclui a argumentação dizendo que “Francisco descobriu progressivamente o mistério total de Cristo até a cruz e este descobrimento desembocará na estigmatização”. Mas que é essencial investigar como chegou a isso, e não, simplesmente, atribuir aleatoriamente a um fato situado no início do seu progresso de conversão.

<sup>40</sup> “*São Francisco: do sofrimento dos homens ao Cristo crucificado*” é o título de um artigo de revista não publicado em vida, mas que foi incluído na obra póstuma, editada pelos Capuchinhos do Instituto Histórico de Roma, intitulada: *Francesco e i suoi compagni*, 183-200.

essas pessoas sofredoras exerceram na opção de vida de Francisco e como elas acabaram se tornando o “caminho” para compreender existencialmente os sofrimentos de Cristo, dos quais sua paixão é o momento culminante. Preferimos realçar a dimensão humana, evitando aquilo que poderia ser chamado de uma espécie de intervencionismo miraculoso, porque não corresponde ao modo de ser ordinário de Deus, o qual respeita profundamente a liberdade humana e jamais impõe, mas sempre e apenas oferece e propõe. A sensibilidade humana do *Poverello* (dom de Deus) o fez solidário aos que sofrem. Aí, entre os sofredores, Cristo foi percebido, passando a projetar luz sobre todo o sofrimento humano.

-----

Deste itinerário percorrido resulta claro que os hagiógrafos, com seu afã de propagar um fato extraordinário bem como a extraordinária santidade de seu santo, atribuem indevidamente um papel de preponderância à manifestação do Crucificado de São Damião no processo espiritual de Francisco, no que diz respeito ao seu enamoramento pela paixão do Senhor que o conduziria, mais tarde, no final da vida, aos estigmas. Na verdade, os estigmas podem ser um ponto de convergência de um processo de muitas vertentes, dentre as quais a experiência do crucifixo de São Damião é tão somente um dos fatos que a favoreceram. Porém, por ora, importa ter presente que Francisco passava por um momento existencial de conversão de seu ideal de vida, fator esse que o levou a identificar o Crucificado com seu ideal de *miles*, um *miles* vitorioso pela fidelidade ao seu Senhor. Foi então pelo Cristo *miles* que Francisco se apaixonou, não tanto pelo Cristo da Paixão. Só depois, com o tempo, o perceberá cada vez mais envolto no sofrimento e identificado com os sofredores, e simultaneamente na luz da vitória, como o mostrará também o Ofício da Paixão composto mais tarde por Francisco.

Importa registrar ainda aqui que, além de Manselli e Miccoli, poucos atribuem forte peso à solidariedade vivida com os crucificados de seu tempo por Francisco. A esse dado, deve-se associar este outro de que ele próprio, pela doença e frustração político-social, carregava em sua história uma verdadeira crucificação humana. Sentia-se co-participante do sofrimento do mundo. A nosso aviso, essa forma de participação nos sofrimentos, naquela altura de sua vida, teve um papel determinante para lastrear uma aproximação sempre maior quer à paixão

de Cristo, quer aos sofrendores, de quem se aproximava com sempre maior admiração e doação. Tecia assim um vínculo recíproco entre ele, Cristo e os excluídos.

Antes de passar, porém, a examinar esse Ofício da Paixão, expressão máxima da compreensão da paixão do Senhor e de sua compaixão por ela, cremos importante relembrar aqui um outro dado que reforçara a compaixão pela paixão do Senhor: a presença do Tau na vida de Francisco. Observaremos apenas os aspectos pertinentes ao nosso tema de investigação.

## 4.2

### **O Tau, símbolo da solidariedade ao dinamismo divino de salvação**

É evidente que o Tau é um símbolo muito significativo para Francisco, pelo freqüente uso que dele fez<sup>41</sup>. Tornou-o sua assinatura como vemos na Carta aos Clérigos e no pergaminho da bênção a Frei Leão. Marcava com ele as paredes dos locais onde costumava rezar como se pode comprovar ainda hoje com a restauração da capela de Santa Maria Madalena, em Fonte Colombo, nas proximidades de Rieti. E o Tau está relacionado com a cruz, razão pela qual será analisado aqui. Dele veremos apenas dois aspectos: a origem desta devoção em Francisco e, depois, a mística espiritual que o cercava.

#### 4.2.1

##### **Francisco e a devoção ao Tau**

Como Francisco entrou em contato com o Tau? O Tau era um símbolo largamente difundido no cristianismo da Idade Média. Há notícias de sua popularidade já na época dos padres da Igreja e foi encontrado até mesmo nas cabalas judaicas. Damien Vorreux conta que a devoção popular via nele um meio mágico e milagroso para serem preservados da peste e de todo o poder diabólico.

---

<sup>41</sup> Diz a Lm de Boaventura 2, 9: “O Tau era um sinal muito querido do santo. Recomendava-o muitas vezes, fazia-o sobre si mesmo antes de iniciar qualquer trabalho e o escrevia de próprio punho no final das cartas que ele enviava como se quisesse pôr todo o seu empenho em imprimir esse tau, segundo a palavra do profeta (Ex 9,4), sobre a fronte daqueles que gemem e choram seus pecados, de todos os verdadeiros convertidos a Cristo Jesus”. Outras informações sobre o uso e veneração do tau podem ser encontradas em 3Cel 3 e 159.

Era levado no dedo, em forma de anel, no pescoço como amuleto, ou pintado nos portais das casas<sup>42</sup>. Em 1212 o Tau foi o símbolo escolhido pela Cruzada das Crianças, “prova do valor afetivo desta bandeira e de seu poder encantador”. O mesmo autor informa que a Ordem dos Frades Hospitaleiros ou Ordem de Santo Antão, dedicados sobretudo aos doentes e leprosos, adotou o Tau como seu distintivo: levavam-no na ponta de seu bastão de peregrino, costurado no hábito, impresso nos utensílios domésticos e, sobretudo, o usavam nas orações de cura e de exorcismo.

Nas viagens que Francisco fez a Roma, algumas vezes se hospedou junto ao Hospital de Santo Antão, onde os Frades Hospitaleiros usavam ostensivamente este símbolo. Também por ocasião do IV Concílio de Latrão<sup>43</sup>, do qual muito provavelmente Francisco participou, o papa Inocêncio III fez um importante pronunciamento no dia 11.11.1215. Na segunda parte deste discurso comentou Ez 9,4 dizendo que o Tau manifesta o esplendor da cruz e convidou os conciliares a “serem todos campeões do Tau e da Cruz”<sup>44</sup>. Com muita probabilidade Francisco se deixou sensibilizar pela presença do Tau junto aos frades hospitaleiros e por estas palavras do Papa e pela mística deste símbolo, passando também a adotá-lo como distintivo. A partir de então quis marcar a si mesmo com o Tau da penitência; quis marcar o coração de seus irmãos para lembrar-lhes a vocação; quis marcar todos os cristãos convidando-os a seguir o caminho da penitência, do

<sup>42</sup> D. VORREUX, (*Tau*, 725) escreve: “A fé popular via no Tau um símbolo de vida e sinal de salvação, e também um meio mágico para proteger-se da peste e de todo o poder do inimigo”. E acrescenta até um fato histórico: “Em 546, por ocasião de uma peste, o bispo da cidade francesa de Clermont organizou uma procissão penitencial para pedir a libertação desse mal. O historiador contemporâneo, Gregório de Tours, relata que apareceu de repente, nas paredes de todas as casas e de todas as igrejas um sinal que os habitantes reconheceram ser o Tau e desta forma a peste desapareceu”.

<sup>43</sup> Para Damien VORREUX (*Tau, simbolo francescano*, 15-21) é certa a presença de Francisco neste concílio como fundador de um movimento entre os 1212 padres conciliares (412 bispos e 800 priores religiosos), pois um dos temas centrais era a “reforma da Vida Religiosa”. Um indício direto forte de sua participação, nós o encontramos na LP 67 onde lemos: “...assim o fez escrever na primeira Regra que levou ao Senhor papa Inocêncio III, que a aprovou e outorgou, antes de a apresentar oficialmente no Concílio”. Há quem entenda que também LTC 51 e EP 26 poderiam sugerir Concílio ao mencionar “consistório”, suposição que nos parece pouco consistente.

<sup>44</sup> D. VORREUX (*Tau*, 725) reporta estas palavras do discurso: “O Tau é a última letra do alfabeto hebraico e tem a forma de cruz, como se apresentava a cruz antes de receber a inscrição de Pilatos. Aquele que traz em sua frente o sinal do Tau manifesta em toda a sua conduta o esplendor da cruz. Trazendo a cruz, crucifica a carne com seus vícios e pecados. Se traz o Tau afirma: de nada quero gloriar-me a não ser de nosso Senhor Jesus Cristo. O que for marcado pelo Tau encontrará misericórdia, sinal de vida penitente e renovada em Cristo. Sede, pois, campeões, do Tau e da Cruz”.

qual são genuína expressão muitos escritos sanfranciscanos, especialmente dois textos: a RNB e a *Carta aos Fiéis* (nas suas duas versões).

Porém essa mística do Tau é anterior ao cristianismo. Remonta ao Êxodo quando os hebreus sinalizaram suas portas com o sangue do cordeiro para que o anjo exterminador não ferisse seus primogênitos (Ex 12,13)<sup>45</sup>. O sinal tem o formato de cruz, da letra tau, a última do alfabeto judaico e a décima nona do alfabeto grego<sup>46</sup>. O mesmo sinal é evocado, embora não nominalmente citado no Apocalipse 7, 3-4 e 14,1-7 onde se fala que “quem tem a fronte marcada com o sinal do cordeiro, os 144 mil serão salvos da morte”. Segundo Vorreux<sup>47</sup> não se consegue provar que Francisco tenha sido tocado por estes textos. “Mas é possível até que o enorme uso da expressão ‘servos de Deus’ tenha a ver com os penitentes assinalados com o este símbolo bíblico da penitência”. Por outro lado, Francisco foi muitas vezes comparado ao Anjo do Oriente que marca na fronte com o Tau e nunca foi contestado por ninguém, parecendo muito natural a todos biógrafos e historiadores. Até a Divina Comédia estabelece essa comparação de Francisco com o Anjo do Oriente<sup>48</sup>.

#### 4.2.2

#### Mística do Tau

Partindo-se da perspectiva de Inocêncio III de que o Tau é praticamente sinônimo da cruz, pode-se imaginar a grande influência e presença na vida de Francisco, não obstante os seus escritos serem muito módicos quanto ao número

<sup>45</sup> L. SANGERMANO, *Francesco attraverso*, 357. O autor diz que segundo os exegetas, os hebreus marcaram os batentes das portas com o sangue do cordeiro, traçando este sinal do Tau para proteger-se da passagem do anjo exterminador. D. VORREUX (*Tau, simbolo francescano*, 32-66) apresenta todo um desenvolvimento do símbolo Tau na Bíblia, chegando ao Apocalipse. Da mesma posição é Mariano BIGI, *Tau, um segno, uma Spiritualità*, 25-32.

<sup>46</sup> Vitório MAZZUCO (*Sob o símbolo do Tau*, 157) quer ver nessa posição de se encontrar no final do alfabeto o sinal que apontaria a transcendência e a verticalidade, que a filosofia grega buscava também através do raciocínio e do pensamento. Mas cremos não ter muita consistência essa interpretação. Mais verossímil parece ser a outra informação do autor, na página anterior, de que a cor do Tau é geralmente vermelha, pois originalmente terá se iniciado com o traçar esse sinal com o sangue do cordeiro na véspera da partida do Egito.

<sup>47</sup> D. VORREUX, *Tau*, 724.

<sup>48</sup> D. ALIGHIERI. *Divina Comédia*, O Paraíso, IX, 52-54: “... *chi d'esso loco fa parole / non dica Ascesi, Che direbbe corto / ma Oriente, se próprio dir vuole*”. E L. SANGERMANO, (*Francesco attraverso*, 363) não tem dúvida de afirmar que “com os estigmas da cruz em seu corpo, Francisco torna-se o Anjo do Sexto Selo que sai do Oriente e trazendo em si o selo do Deus vivo e se tornasse, destarte, o ‘Alter Christus’”.

de vezes em que menciona a palavra cruz (apenas oito vezes)<sup>49</sup>. Porém se o número de vezes não é tão expressivo, mais significativo é o lugar em que se encontram: é lembrada no primeiro capítulo da RNB que sintetiza a opção de vida; na parte narrativa do *Testamento* onde memoriza a proposta de vida que Deus lhe revelou; encontra-se em duas *Admoestações* que provavelmente eram reflexões feitas por Francisco por ocasião dos Capítulos; e ainda na *Carta aos Fiéis* que os estudiosos vêem como programa de vida para os leigos, e no *Ofício da Paixão* onde contempla, segundo ele mesmo, o momento fundamental e mais denso do mistério cristológico<sup>50</sup>.

Sangermano<sup>51</sup> entende que a Cruz perpassa toda a RNB e todos os escritos de Francisco, porque expressa a condição de renúncia da própria vida em vista do seguimento de Cristo, razão de ser da vida para Francisco. E Vorreux resume em quatro pontos a espiritualidade do Tau/Cruz para Francisco: a) é *senal de salvação*: ninguém pode se salvar senão por ela; b) é sinal de salvação *através da cruz*: para ser salvo é preciso ser batizado no sangue do cordeiro, derramado na cruz, assim como precisava ter a porta marcada com o tau para ser poupado pelo anjo exterminador; c) é *salvação que vem mediante a penitência*, razão pela qual Francisco organiza uma verdadeira cruzada de homens e mulheres da penitência; e, por fim d) é *senal de vida e de vitória*: é fonte de alegria e realização humana<sup>52</sup>. Parece-nos que, de fato, estes aspectos abarcam a espiritualidade franciscana na sua essência.

-----

Ao final desta breve observação da importância e significação do Tau na vida de Francisco podemos sintetizar seu conteúdo no seguinte:

<sup>49</sup> Chama mais ainda a atenção o fato de que nunca faça menção direta ao Tau em todos os seus escritos. Disto se pode inferir que apenas os escritos, mesmo se continuam sendo o principal e mais credenciado caminho de acesso à espiritualidade de Francisco, eles também, sem um adequado conhecimento histórico dos fatos relativos à sua vida, se tornam insuficientes para apresentar toda a riqueza de sua espiritualidade.

<sup>50</sup> As referidas citações da palavra “cruz” se encontram precisamente em: RNB 1,4; Test 5; Adm 5,8 e 6,1; 2 CtFi 11; OFP 7,8; 15,13.

<sup>51</sup> L. SANGERMANO, *Francesco attraverso*, 354. Sua justificativa é de que a cruz foi mencionada junto com a necessidade da renúncia da própria vida pela qual Francisco foi sensibilizado desde o início de sua caminhada por ocasião ainda da *sortes apostolorum* recordada pela LTC 29 e AP 11 e que depois passaria a fazer parte da Regra, no capítulo primeiro.

<sup>52</sup> D. VORREUX. *Tau*, 726.

a) Para Francisco o Tau está associado à Cruz. Pode ser visto apenas como seu sinônimo. Todavia, poderia receber uma significação que a ultrapassa, não propriamente no sentido teológico, mas enquanto simbolismo religioso, também presente em outras religiões, como no judaísmo que o recordam na passagem do Êxodo<sup>53</sup>. Tal fato, considerando que Francisco ainda vivia, apontaria para o profetismo na dimensão do diálogo inter-religioso naquele contexto de cristandade onde o diálogo macro-ecumênico era extremamente difícil. Talvez em vista disso Francisco, na sua capacidade de descobrir, sob o impulso da graça, caminhos alternativos, teria passado a dar preferência ao Tau ao invés da Cruz como expressão de uma tentativa de aproximação com as outras crenças religiosas<sup>54</sup>.

b) Em segundo lugar, Francisco se encontra com o Tau sempre em contexto de busca de conversão e de luta pela libertação nas suas diversas dimensões: do pecado, da escravidão sócio-econômica, da marginalização social, etc<sup>55</sup>. Provavelmente este dinamismo libertador fosse muito vivo e intenso em Francisco, embora sempre se manifeste, prioritariamente, como dinamismo de conversão e libertação, acima de tudo, do coração. Nesta perspectiva, o Tau, enquanto símbolo de um Deus que busca a libertação, pode ser um indicador de sua solidariedade com a humanidade, dos que sofrem escravidões político-econômicas, religiosas, culturais e sobretudo do pecado e das forças demoníacas

<sup>53</sup> SANGERMANO (*Francesco attraverso*, 357) nos oferece a informação interessante, ainda que necessitada de maior averiguação. Reporta ele a hipótese de Henry Thode, levantada ainda em 1904, de que os franciscanos teriam sido os intermediários entre a Igreja e os hereges, porque os valdenses incluíram no seu credo de fé que a cruz de Cristo tinha a forma de Tau. Assim se expressa o autor: “Sabemos, de fato, que foram os valdenses a admitir como artigo de fé que a cruz de Cristo tinha a forma do Tau, sobre o qual o corpo de Cristo foi fixado com três pregos. Não seria impossível, portanto, que os franciscanos tenham sido os intermediários entre os hereges e a Igreja”. No entanto, D. VORREUX (*Tau*, 724) lhe faz contraponto, recordando que os neomaniqueístas ou cátaros rejeitavam a cruz, considerando-a indigna da obra redentora de Deus”.

<sup>54</sup> Nada podemos afirmar com maior segurança a respeito deste caso específico, porque as pesquisas são ainda incipientes. Todavia, a hipótese de tal procedimento encontraria certo respaldo na vida de Francisco por outros fatos. Por exemplo: a) ele desejava evangelizar até os muçulmanos e para isto elaborou o capítulo 16 da RNB, propondo uma metodologia pacífica de evangelização, totalmente revolucionária naquele contexto das cruzadas; b) chega a ponto de “importar” dos muçulmanos o costume de tocar os sinos para convidar o povo à oração (CtGo 7; 1CtC 8), iniciativa que originou o “*Angelus*”; c) nunca faz contestação direta alguma a qualquer grupo de hereges etc.

<sup>55</sup> Podemos dizer que a dimensão de libertação aparece ao menos: a) no contexto bíblico do Êxodo com os hebreus buscando fugir à opressão faraônica; b) no Concílio de Latrão, através do pronunciamento do Papa profundamente empenhado na luta pela libertação dos lugares santos; e c) na paixão de Cristo com seu dinamismo próprio de libertação de toda a forma de escravidão e de mal.

que tanto terror causavam naqueles tempos<sup>56</sup>, pode ser compreendido também como expressão da solidariedade de Deus que deseja a vida plena a todas as criaturas.

c) E, por fim, Francisco se sentisse convocado através deste símbolo a desencadear com radicalidade uma verdadeira “cruzada” de libertação das pessoas e das estruturas no mais amplo sentido do termo, porém com os princípios evangélicos e sobretudo conforme o testemunho do próprio Cristo que se aniquilou para resgatar e não com o evangelho do poder e da força que se impõe, abalroando as liberdades e destruindo as diferenças.

Uma vez abordados os itens da influência do crucificado de São Damião e o símbolo do Tau na formação de uma espiritualidade solidária, cremos poder, agora, passar à análise do Ofício da Paixão, sem dúvida, a maior e a fundamental demonstração de sua compaixão pela paixão do Senhor.

## 4.3

### Ofício da Paixão, a solidariedade desde a cruz

Começemos a abordagem deste tema por algumas informações históricas. Elas sempre contextualizam e fornecem critérios para uma melhor compreensão da mensagem de qualquer escrito. Num segundo momento trataremos de observar a dinâmica presente na paixão de Cristo na visão de Francisco e, a seguir, faremos uma breve análise dos primeiros sete salmos do *Ofício da Paixão* (OfP), a fim de possibilitar ao leitor comprovar o que estamos afirmando.

#### 4.3.1

##### O surgimento do Ofício da Paixão

O *Ofício da Paixão* reúne 15 salmos. Treze deles foram formados por Francisco que pinçou versículo por versículo, geralmente, de outros salmos ou em outros livros veterotestamentários, ou ainda em algumas passagens do NT. Os

<sup>56</sup> J. SOBRINO (*Jesus o libertador*, 144) observa, baseado em Joaquim Jeremias, que no AT e no tempo de Jesus (e certamente se prolongou por séculos), o mundo era visto como povoado por forças desconhecidas que estavam muito presentes na vida das pessoas e lhes eram prejudiciais. “De fato, no tempo de Jesus, reinava um terror extraordinariamente intenso dos demônios”.

outros dois foram assumidos, integralmente, dos salmos do saltério<sup>57</sup>. Nesta série de novos salmos, como é característico de Francisco, há referências à encarnação (salmos 15, salmo 7,3), à escatologia (Sl 7,12), à glorificação do Senhor (Sl 7,10), enfim a todos os mistérios da vida de Cristo, para ele sempre inseparáveis e indissociáveis. Os sete primeiros salmos formam o núcleo básico desta sua oração e eram rezados, diariamente, um em cada hora do Ofício Litúrgico, precedidos e seguidos de uma antífona à Virgem Maria<sup>58</sup> que ele também criou. Para os demais tempos litúrgicos, Francisco compôs outros seis salmos (mais os dois que ele assumiu integralmente da Liturgia das Horas) para substituir ora um ora outro salmo dos que havia composto, nalguma hora canônica. As rubricas deste ofício, geralmente posteriores à morte do santo, indicam que o OfP passou a ser rezado também por frades, em diversos lugares do mundo.

Nem sempre, porém, o OfP recebeu ao longo da história a devida atenção da parte dos franciscanólogos. Aos copistas também lhes pareceu inútil transcrever uma coleta quase “aleatória” de versículos de salmos e outras passagens bíblicas. Por isso são tão poucos os manuscritos que o reproduzem completamente. Com esse baixo conceito o OfP chegou até princípios do século XX, levando W. Goetz a dizer em 1904 que “é uma obra autêntica, mas irrelevante para a avaliação histórica do santo”<sup>59</sup>. A variedade de nomes<sup>60</sup> com que tem sido denominado ao longo do tempo mostra a ausência de uma verdadeira e própria identificação e, ao mesmo tempo, a pouca importância atribuída a esse texto.

<sup>57</sup> Trata-se dos salmos 12 e 69 que se tornaram, respectivamente, os salmos 13 e 8 do OfP.

<sup>58</sup> Esta é a antífona: “Santa Virgem Maria, não há mulher nascida no mundo semelhante a vós, filha e serva do altíssimo Rei e Pai celestial, Mãe de nosso Santíssimo Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo: rogai por nós com São Miguel Arcanjo e todas as Virtudes do céu e todos os santos, junto a vosso santíssimo e dileto Filho, nosso Senhor e Mestre”. (*Fontes Franciscanas*, 117). É uma oração belíssima. Na sua primeira parte põe a Virgem Maria diretamente em relação explícita com a Trindade; na segunda, elimina toda a dramaticidade negativa da vida terrena como se pode constatar na Salve Rainha e na Ave Maria, também orações medievais, ainda que anteriores.

<sup>59</sup> Apud K. ESSER *Gli Scritti*, 397. Mas duas páginas mais adiante, também Esser se manifesta nestes termos: “A tradição manuscrita do Ofício da Paixão é extremamente exígua (até o presente foram localizados apenas 7 manuscritos). Evidentemente, os copistas sérios julgavam que não valia a pena transcrever esta seleção de versículos de salmos já conhecidos”. Esser constata ainda que alguns copistas colocavam apenas a palavra inicial de cada frase, mas a grande maioria daqueles que transcreveram os escritos de Francisco simplesmente o omitiram.

<sup>60</sup> K. ESSER (*Gli Scritti*, 396-398) lembra alguns deles: *Officium Passionis Dominicae*, *Officium Passionis Domini*, *Officium Crucis* (Santa Clara o chama assim) e *Officium Passionis*. Mais recentemente (1963) o francês Jean de Schampheleer, no seu comentário, lhes deu o título de *Office de la Pâque*. E a edição oficial francesa dos escritos de São Francisco volta a denominá-los de “Salmos dos mistérios do Senhor Jesus”, evidentemente numa clara referência à totalidade dos

D. Gagnan<sup>61</sup> levanta a hipótese de que na experiência de Francisco o OfP tenha sido precedido pela devoção popular da Oração às cinco Chagas, muito difundida nos séculos XI e XII. O OfP foi uma oração lentamente amadurecida *pari passu* ao crescimento espiritual de Francisco. Com toda a probabilidade foi iniciada sua composição por volta dos anos de 1215 e levada à frente, paulatinamente, até o tempo dos estigmas, ou mesmo, quem sabe, até a proximidade da morte num contínuo processo de enriquecimento<sup>62</sup>. Alguns estudiosos querem ver no salmo seis um retrato do crucifixo de São Damião, onde Francisco faria acontecer a “coincidência dos contrários”, isto é, conjugaria ao mesmo tempo as dimensões de sofrimento que levam à morte e de glória pela vitória sobre as forças responsáveis pelo sofrimento<sup>63</sup>. Para Gallant, Francisco foi criando esta oração movido por diversas circunstâncias externas<sup>64</sup> e, sobretudo, por sua experiência pessoal de Cristo, com quem se configurava sempre mais.

A modalidade prática de Francisco construir estes salmos foi selecionar versículos cá e lá<sup>65</sup>, provavelmente de salmos que já conhecia de cor ou quase, e assim foi formando os novos salmos. Nisto ele se revelou um perito, pois conseguiu traduzir, com frases já formadas em outros contextos, verdadeiras meditações da paixão de Jesus Cristo. Em cada Hora Litúrgica ressalta algum momento específico da paixão, mas como observa com propriedade Carlos

---

mistérios de Cristo aí celebrados (T. DESBONNETS, T. MATURA, J-F. GODET e D. VORREUX. *Écrits*, 41).

<sup>61</sup> D. GAGNAN. *Office de la Passion*, 7.

<sup>62</sup> Essa é a idéia defendida por L. GALLANT (*Dominus regnavi*, 457). E, à página 461, o mesmo autor volta a dizer que o OfP “nasceu aos poucos, segundo as circunstâncias de sua vida e de sua experiência de Cristo”. Semelhantemente se expressa D. GAGNAN (*Office de la Passion*, 7): “Trata-se de uma obra longamente madurada, redigida em etapas sucessivas e ruminada profundamente em sua meditação retomada com frequência”. E O. van ASSELDONK (*Il crocefisso*, 466) assume esse mesmo parecer. Porém K. ESSER (*Gli Scritti*, 448) na sua edição crítica dos escritos de Francisco defende que os salmos do Ofício da Paixão foram elaborados depois do ano de 1224, opinião que, depois dos ulteriores estudos, nos parece pouco provável.

<sup>63</sup> Para o aspecto do retrato do crucifixo de São Damião no salmo seis: J. de SCHAMPHELEER, *El crocifijo de San Damián*, 420-421; O. Van ASSELDONK, *Il crocefisso*, 469. E para a coincidência dos contrários: D. GAGNAN, *Office de la Passion*, 6.

<sup>64</sup> L. Gallant não expressa quais seriam essas razões externas. Nossa hipótese é de que se refira à grande crise que Francisco foi vivendo nos últimos anos de vida, sobretudo no interior da própria Ordem, que o fizeram sentir-se rejeitado como Jesus se sentiu em relação à classe dirigente de sua religião.

<sup>65</sup> Todavia alguns salmos lhe forneceram maior número de versículos: 21(22), 55(56), 56(57), 68(69) 141(142), além dos salmos 12(13) e 69(70) que eram rezados na íntegra, respectivamente nas segundas completas e nas terceiras completas. Penso que estes salmos mereceriam um ulterior aprofundamento para descobrir as razões que levaram Francisco a assumi-los integralmente.

Paolazzi<sup>66</sup>, omitindo do salmo do AT aquilo que não se harmoniza com o espírito cristão manifesto nos evangelhos e tornando-os, no seu significado global, um verdadeiro e próprio louvor.

Como reconhece Gallant, “não foi inspirado pelo desejo de preencher um programa de ofício litúrgico”<sup>67</sup> que Francisco compôs o OfP. Queria tão somente beber exaustivamente dessa vertente de energia e dinamismo que é o mistério de Cristo, a fim de somar forças no movimento de salvação introduzido por Deus na história, especialmente com a presença e atuação do Filho de Deus, encarnado em Jesus de Nazaré. Num primeiro momento, ao qual pertencem os sete primeiros salmos (até o versículo 9 deste último), Francisco deu-se conta do mistério do sofrimento de Cristo. Depois, numa segunda etapa, foi captando a dimensão luminosa e gloriosa presente no mesmo mistério da paixão do Filho amado de Deus<sup>68</sup>. Para facilitar a contemplação, mas diferindo dos costumes então em voga<sup>69</sup>, Francisco centraliza a atenção, a cada uma das sete horas litúrgicas, num

<sup>66</sup> C. PAOLAZZI. *Lettura degli scritti*, 134: “Francisco compôs os salmos “omitindo deliberadamente tudo aquilo que repugna ao espírito cristão e os compôs em perfeita harmonia com os ensinamentos dos evangelhos”. Além disso, “trabalha de tal forma a composição dos salmos, que no seu significado global se tornam verdadeiros e próprios louvores”.

<sup>67</sup> L. GALLANT, *Dominus regnavit*, 461. Esta observação é extremamente significativa, pois revela a razão profunda que levou Francisco a pôr-se constantemente diante do mistério central da vida de Cristo: não há indício algum de que tenha sido por um ritualismo ou por um legalismo litúrgico. Não teve o objetivo de substituir um ofício já existente ou mesmo de corrigi-lo. Nem o fez para que os outros o rezassem. Era, inicialmente, para seu proveito pessoal e o que rezava de cor. Simplesmente agregou à prática da oração litúrgica oficial da Igreja, já existente, esses seus salmos para que o pusessem em sintonia com o mistério de um Deus, cuja expressão máxima de solidariedade com a humanidade se revela através da paixão-morte e ressurreição de seu Filho. Porém, observa Esser, não se pode esquecer que o grande número de rubricas – quase todas anexadas depois da morte de Francisco - indica que, ao menos, um certo número de frades tinha por hábito recitá-lo por devoção (K. ESSER, *Gli Scritti*, 449).

<sup>68</sup> “As diferentes etapas do OfP deixam transparecer uma evolução da visão que Francisco fazia do mistério de Cristo. Inicialmente, fascinado por tudo aquilo que sofreu pela salvação do mundo, realçava a obediência ao Pai. Mais para o final de sua vida, proclama entusiasticamente a sua glorificação. Ele teria se dado conta em diferentes momentos das duas afirmações de Fl 2, 6-11: Cristo se aniquilou, fazendo-se obediente; por isso Deus o exaltou e lhe deu o nome que está acima de todo o nome” (L. GALLANT, *Dominus regnavit*, 459-460). Esta observação perspicaz de Gallant faz levantar a hipótese de que alguns dos salmos da segunda série possam ter surgido também depois de 1224, ano em que, com os Estigmas, Francisco teria superado a forte e prolongada crise psicológico-espiritual.

<sup>69</sup> D. GAGNAN (*Office de la Passion*, 13) lembra que a simbologia das horas litúrgicas já encontra alguma ressonância nos santos Padres como em Tertuliano, Cipriano, Cassiano, Atanásio, Basílio. Três séculos antes de Francisco a simbologia de cada hora já estava completamente sistematizada, de modo a lembrar os vários momentos da paixão nas diversas horas do ofício canônico. Muito conhecido, sobretudo na França, entre outros, era o ofício da paixão da Escola de São Vitor. E provavelmente Francisco conheceu algum desses. Mas a simbologia de suas Horas Litúrgicas não coincide com nenhuma outra conhecida no mundo de então, que somente meditava a dimensão sofredora da paixão. Francisco, além de diferir no aspecto enfocado em várias horas, acrescenta a várias delas (provavelmente num segundo momento) a dimensão gloriosa da Paixão. Por exemplo, na Terça lembra a vinda do Espírito Santo, na Sexta inclui uma reflexão sobre o sentido da paixão

momento ou aspecto específico do processo de condenação e morte de Cristo<sup>70</sup>. Porém o faz de modo extremamente sóbrio (até difícil de ser percebido), valendo-se para isso tão somente de um ou dois versículos (de salmos já existentes) ou, mais raramente, de outras pequenas passagens bíblicas. E é impressionante, confessa ainda Gallant, observar a justeza ou exatidão com que Francisco escolhe os materiais, ordenando-os de acordo com os temas e dando-lhes um sentido pleno. No seu conjunto, porém, o Ofício da Paixão se apresenta como “uma catedral espiritual para aí contemplar o Cristo”<sup>71</sup>.

### 4.3.2

#### O OfP, um caminho para se solidarizar com Jesus Cristo

Foi possível perceber pelas notícias acima que Francisco criou o OfP por uma decisão pessoal e para proveito próprio, para que se tornasse caminho para uma identificação sempre maior com Jesus Cristo, o Verbo enviado pelo Pai, que recebeu a carne de nossa humanidade e fragilidade no seio de Maria Virgem (2CtFi 4), que nasceu por nós à beira do caminho (OfP 15,7), fez-se peregrino e

---

(OfP 7,7-9); à Noa acrescenta uma proclamação da Ressurreição e da Glorificação; nas Vésperas inclui a evocação à vitória da Páscoa e o retorno glorioso no final dos tempos como juiz do mundo. (Ver. L GALLANT, *Dominus regnavit*, 506-509).

<sup>70</sup> Assim estaria distribuída a sua lembrança ao longo do Ofício: 1) No primeiro salmo, o das Completas, se reporta à angústia mortal de Jesus no Horto das Oliveiras (v.5.9), sua prisão pelos sumos sacerdotes e fariseus. 2) O segundo salmo, rezado na hora das Matinas, retrata os sofrimentos de solidão e abandono experimentados por Jesus devido à fuga dos amigos (v. 8), sem perder a confiança em Deus que o protege desde o nascimento (v 4). 3) No terceiro, o salmo da Prima, extraído quase totalmente do salmo 57, estão subjacentes cenas ocorridas durante o julgamento pelo sinédrio (V. 7) e por Pilatos, diante de quem os inimigos não conseguem encontrar provas reais para o incriminar, “porque aos céus se eleva a vossa misericórdia e até às nuvens a vossa verdade” (OfP 3,11). 4) No salmo da Terça, Francisco recorda as cenas de ultrajes e torturas vividas por Jesus Cristo, apesar de sua inocência: “os que insidiavam minha vida reuniram-se em conselho contra mim” (OfP 4,4). Jesus se sente tratado como um verme e na iminência da morte; “sou o opróbrio dos homens e a abjeção da plebe” (OfP4,7). 5) Para a hora Sexta, o quinto salmo do Ofício, Francisco compõe, servindo-se dos salmos 141(142) e 68(69), um salmo que permite supor os momentos dramáticos de Jesus diante de sua condenação sem que ninguém o defenda (v. 8) e durante a caminhada ao calvário e a crucificação (v. 3). 6) No sexto salmo, para a Hora Noa, Francisco insere os cruéis tormentos da cruz e da morte valendo-se sobretudo do salmo 21(22), mas concluindo com uma importante proclamação: “E sabemos que Ele vem, que virá para julgar o mundo com justiça” (OfP 6,16). 7) Por fim, concluindo o núcleo básico do Ofício, o salmo sete, para a hora das Vésperas, se constitui em um hino de louvor para o qual todos os seres do universo estão convidados, pois o “Senhor reinou pela Cruz” (*Dominus regnavit a ligno*). Por ele Francisco quer reviver a vitória da Ressurreição (OfP7,9). Os demais oito salmos ampliam alguns lampejos destes sete com o objetivo de substituí-los nos devidos tempos litúrgicos da Páscoa e nas principais solenidades do ano, exceto o salmo 15 que deve ser rezado no tempo do Natal. A respeito do conteúdo dos salmos do Ofício veja-se sobretudo a tese de doutorado de L. Gallant e também, mais resumidamente, Schampheleer em *El crucificado de San Damián ...* 420-421.

<sup>71</sup> L GALLANT, *Dominus regnavit*, respectivamente 574 e 577.

forasteiro neste mundo e viveu de esmolas (RNB 9,5), conquistou o direito à esmola aos pobres (RNB 9,8). Não obstante tenha encerrado seus dias na mais ignominiosa das mortes, Francisco celebra e vivencia, ao mesmo tempo, sua esplendorosa vitória. E todo esse caminho é percorrido sem propriamente focar os aspectos materiais e humanos dos vários momentos do processo da paixão e morte de Jesus na cruz.

Francisco contemplava no OfP, sobretudo, os estados de espírito, as motivações, as aspirações e as disposições de espírito que habitavam o interior de Jesus Cristo, colocando em prática a recomendação de Paulo apóstolo de ter os mesmos *sentimentos* de Jesus Cristo<sup>72</sup>. É a partir dessas “disposições interiores” que ele sentia presentes em Jesus Cristo, que Francisco foi escolhendo os materiais (versículos bíblicos) para compor os salmos do OfP. Dentre essas disposições, e talvez a predominante, seja a de alguém totalmente devotado ao seu senhor, um servo exemplar. Jesus é apresentado neste conjunto de salmos como aquele que “entrega a vida para não faltar à obediência com seu Pai”(CtOr 46), como quem “pôs sua vontade na vontade do Pai dizendo: Pai, faça-se a tua vontade. Não se faça o eu quero, senão o que tu queres”(2 CtFi 10). Francisco se solidariza com o *miles vencedor*<sup>73</sup>, como ele também já o contemplara no crucificado de São Damião. Por isso seu grande pedido conclusivo seja o de “oferecer-se totalmente a si mesmo e carregar a sua santa cruz, perseverando na observância dos mandamentos de Deus até o fim”<sup>74</sup>. Este parece ser o pensamento culminante do conteúdo desta oração criada por Francisco.

<sup>72</sup> Trata-se de Fl 2,5. A edição TEB da Bíblia, em nota de rodapé, indica que, mais que “sentimentos”, se trata de disposições interiores. E Hugo VANNI (*Libero da tutti*, 82-83) defende que antes que disposições interiores se deva entender “aspirações profundas” ou melhor ainda “aspirações de fundo” que, nesse caso, seria essa de esvaziar-se completamente de si para dar absolutamente todo o espaço ao projeto do Pai, cujo resultado está em fazer-se servo de todos, o tempo todo, como um escravo.

<sup>73</sup> J. de SCHAMPHELEER (*Fino alla Croce*, 69-70) escreve: “Cristo para Francisco é semelhante ao cavaleiro que se sacrifica pelo próprio rei, que faz a vontade de seu soberano, porquanto difícil possa ser pô-la em prática. Combateu até a morte como seu valoroso cavaleiro, não com a espada, mas com a cruz, e venceu: *Dominus regnavit a ligno*”.

<sup>74</sup> Talvez por coincidência, mas o versículo “Oferecei em holocausto os vossos corpos e carregai a sua santa cruz; observai até o fim sua santa lei (mandamentos)” (7,8) é quase o versículo conclusivo da primeira série de sete salmos e aparece, depois, repetido no último versículo do salmo 15, o último da série suplementar. Para M. A. LAVILLA MARTÍN (*La imagen del Siervo*, 266) é um dos pensamentos nucleares de sua oração. Esse autor vê neste versículo extraordinariamente denso, a presença de cinco citações bíblicas conjugadas e retrabalhadas: Lc 9,23; 14,27; 1Pd 2,21; Jo 15,10 e Mt 10,22.

Observando mais de perto o OfP descobre-se que Francisco contemplava a cruz de Cristo como a síntese de todos os atos do amor salvífico de Deus. Transcendeu a materialidade da cruz para vê-la como expressão visível do amor salvífico de Deus. Por isso, o *leitmotiv* do OfP para ele é o amor de entrega, a “obediência sacrificial” como diz Gagnan<sup>75</sup>, isto é, a obediência de entrega plena e incondicional de si mesmo ao plano do Pai que leva a pôr-se a serviço aos que estão mais necessitados desse amor. Em última instância, o Filho se revela o *servo fiel* por excelência e o *miles* que vence pela força do amor que se doa para que outros tenham vida. Movido pelo amor, o *Miles* divino se compadece e desce à maior profundidade possível na degradação humana e “assume a carne de nossa fragilidade”. Não no sentido figurado, mas a mais real fragilidade possível, naqueles que nada são. Nessa trajetória, o amor solidário de Deus revelou que foi “até o fim”. A cruz se transforma assim em símbolo da vitória do amor, porém sempre revestida da fragilidade e que expressa, em última instância, a morte entre os condenados ao pior e mais degradante dos castigos. Por isso: “O Senhor reinou desde a cruz”(OfP 7,8)<sup>76</sup>, proclama Francisco.

E, vendo-o crucificado, compreende a cruz como a síntese máxima de sua vida movida por esta atitude de obediência plena à lógica do amor. Jesus Cristo foi o servo que viveu unicamente empenhado em pôr em prática esse mandamento do amor recebido de seu Senhor e Pai, por mais difícil que lhe tenha sido<sup>77</sup>. Esta sua percepção nos permite ultrapassar a visão ascético-moralista da paixão de

<sup>75</sup> D. GAGNAN, *Office de la Passion*, 9 e 64. Para o autor a obediência resume todas as disposições interiores de Jesus Cristo. É claro, não se trata de uma obediência enquanto cumprimento de ordens, mas sim de uma obediência-comunhão no desígnio de salvação, fruto do amor de Deus.

<sup>76</sup> O versículo no salmo 95,10 está formulado no indicativo presente: “o Senhor reina” (TEB) ou “Javé é rei” (Bíblia de Jerusalém). Francisco alterou o tempo do verbo, deslocando-o ao passado e acrescentando *pela cruz*, pelo madeiro. A nosso aviso, ele intui aqui que, historicamente, a cruz revelou o modo de Deus reinar: através do amor solidário com a humanidade até as últimas conseqüências. O modo de Deus reinar no mundo é servindo, literalmente, até a últimas conseqüências. Desse modo reconhece também que o momento central por excelência da manifestação do amor de Deus na morte de cruz explode em vitória.

<sup>77</sup> Esta é a perspectiva que permitiu a M. A. LAVILLA MARTÍN afirmar que Jesus Cristo é visto por Francisco fundamentalmente como o “Servo”, não obstante nos escritos de Francisco nunca aparece esta palavra atribuída a Jesus Cristo. Em sua tese de doutorado “*La imagen del Siervo en el pensamiento de San Francisco de Asís, según sus escritos*” escreveu à página 276-277: “Na maneira de apresentar Jesus Cristo para ser seguido, este aparece com as características de servo: Jesus Cristo é o Filho amado do Pai, eleito e enviado por ele para cumprir seu plano salvífico para a humanidade. Jesus Cristo realiza esta obra do Pai não pela força do poder e do domínio, mas sim desde sua submissão ao Pai e a entrega total aos homens, sendo obediente ao Pai e confiando nele até o fim; sendo pobre, humilde, necessitado, peregrino, abandonado, traído, rejeitado, perseguido, torturado, injustamente condenado à morte, pacífico, homem do sofrimento, paciente, crucificado, sustentado e glorificado pelo Pai”.

Cristo, assentada sobretudo nos seus sofrimentos físicos e psicológicos<sup>78</sup>. O OfP nos possibilita intuir que Francisco contemplava o dinamismo interior de Jesus Cristo, comungava e se solidarizava profundamente com ele. Não se condoía propriamente com os sofrimentos físicos, embora estes nunca estivessem ausentes. Ele se apaixonou pela paixão de Cristo, isto é, pelas causas ou razões que o levaram à cruz e, ao mesmo tempo, à glorificação. Seguir a Cristo para Francisco, então, significará comungar com suas “atitudes fundamentais” como muito bem observou Lavilla Martín<sup>79</sup>, muito mais do que se condoer com suas dores.

Gagnan, ao comentar o sentido do versículo do salmo 7,8 (“ofereci em holocausto os vossos corpos e carregai a sua santa cruz; observai até o fim a sua santa lei” - e repetido em 15,13) entende que este versículo resume toda a proposta de vida cristã para Francisco. “Carregar a sua santa cruz” abarca para uma vasta gama de frentes de luta e de vivências, tais como “combater as tendências desregradas do corpo”, “tornar o corpo submisso ao espírito, reencontrando a primeira verticalidade e a condição primeira de imagem e semelhança de Deus”, “aceitar na própria vida o sofrimento que o Pai permite que se conheça”, “combater contra o espírito de satã e participar da amizade de Cristo”, “amar os inimigos, fazendo-lhes o bem”; numa palavra: “contribuir com a vitória de Cristo, apressando a vinda do Reino”<sup>80</sup>. Como se pode ver, a renúncia

<sup>78</sup> A nosso aviso, esta visão ascético-moralista se faz presente ainda hoje na formulação dos mistérios dolorosos e na devoção da via-sacra. Em ambas (de origem medieval) omite-se completamente as razões que levaram Jesus a sofrer e se realça demasiadamente os aspectos da flagelação, da coroação de espinhos, os sofrimentos da trajetória ao calvário, sem nunca fazer referência às causas que fizeram Jesus terminar nessa condição de condenado religioso e político.

<sup>79</sup> M. A. LAVILLA MARTÍN (*La imagen del Siervo*, 276) escreve: “O seguimento de Cristo de que fala Francisco não é a imitação literal da vida histórica de Jesus. Trata-se de acompanhá-lo, de ter uma relação pessoal constante e íntima com Ele, de uma comunhão de vida e de destino com Ele, adotando também as condições de vida material de Jesus sobre a terra, porém sobretudo, assumindo as atitudes fundamentais de Jesus diante das situações mais difíceis da vida”. Mais adiante (página 281) esse mesmo autor faz a seguinte observação: “Também chama a atenção que nos seus escritos não apareça a fórmula que tanto êxito teve na sua época: “*Nudus nudum Christum sequi*”(Nu seguir o Cristo nu). Poderia pensar-se que Francisco não a usa porque não a conhecia. Todavia, resulta difícil admitir isso, porque era empregada freqüentemente pelos pregadores, não só monásticos, mas também seculares. Talvez se possa responder a essa ausência, se se tem presente o contexto no qual era utilizada essa expressão e seus equivalentes: de modo geral, em um contexto de mortificação através da pobreza com a renúncia dos bens, da obediência e humildade com a contemplação e a participação da paixão de Cristo. Como Francisco vê a pobreza, a obediência e a humildade desde um horizonte mais amplo que a simples mortificação, pode ser que por essa razão ele não fizesse uso da referida frase”.

<sup>80</sup> D. GAGNAN, *Office de la Passion* respectivamente às páginas 68, 70, 64, 67, e 72. Na mesma perspectiva M. A. LAVILLA MARTÍN (*La imagen del Siervo*, 268) acrescenta que consiste ainda em “acolher as limitações e debilidades de próprio corpo”. E sobretudo, repete várias vezes, é “seguir suas mesmas atitudes”, no sentido de suas motivações de vida. Parece-nos, todavia, que esta visão de Gagnan (e também de Lavilla Martín) ainda está muito marcada pelo ascetismo próprio da

de si passa pelo despojar-se de tudo, inclusive da própria vida, não para sofrer e sim para estar ao lado daqueles que são condenados a um estado permanente de sofrimento múltiplo.

### 4.3.3

#### Viver na solidariedade a Jesus Cristo manifestada na sua paixão

Depois das informações históricas a respeito do OfP e de apontar para alguns elementos importantes da sua mensagem, parece necessário retomar diretamente a análise do texto e observar com mais cuidado seu conteúdo, ainda que se deva fazê-lo de modo breve. Também com o intuito de não nos delongar, vamos nos limitar à série inicial dos sete primeiros salmos do OfP, porque cremos suficientes como amostragem para sua compreensão. Tentaremos acenar para a perspectiva de solidariedade a Jesus Cristo sentida por Francisco, mas sobretudo acenaremos para a solidariedade de Jesus Cristo com a humanidade decaída, neles presente. Através da compaixão Francisco buscava se identificar e desejava que seus irmãos igualmente se deixassem “formatar” por ela. Para não obrigar o leitor a buscar outros textos a fim de verificar nossas deduções, oferecemos o texto dos salmos de Francisco, segundo a versão brasileira disponível no momento<sup>81</sup>.

#### *Salmo 1, completas da Quinta Feira Santa*

- (1) Ó Deus, a vós expus a minha vida;  
tendes presentes diante de vossos olhos minhas lágrimas. (Sl 55,8-9)
- (2) Todos os meus inimigos urdiam males contra mim, (Sl 40,8)  
reuniram-se em conselho contra mim. (Sl 70,10)
- (3) Pagaram-me o bem com o mal, e meu amor com o ódio. (Sl 108,5)
- (4) Em resposta ao meu afeto me acusaram; eu, porém, orava. (Sl 108,4)
- (5) Meu santo Pai, Rei do céu e da terra, não vos retireis de mim,  
porque a tribulação se aproxima e não há quem me acuda. (Sl 21,12)
- (6) Serão repelidos os meus inimigos no dia em que vos invocar;  
eis porque reconheci que vós sois meu Deus. (Sl 55,10)
- (7) Meus amigos e meus companheiros aproximaram-se de mim com  
hostilidade e se puseram contra mim  
e meus companheiros permaneceram à distância. (Sl 37,12)
- (8) Afastastes de mim os meus amigos, objeto de horror me tornastes  
para  
eles; estou aprisionado sem poder sair. (Sl 87,9)

---

compreensão medieval da vida cristã, carecendo de uma visão mais histórico-social e engajada da vivência da fé cristã.

<sup>81</sup> Como muitas vezes Francisco constrói um versículo novo com parte de vários versículos de outros, convém ter presente que a edição brasileira não é muito fiel no momento de citar a referência ao salmo de origem. Para averiguar melhor consulte-se a edição crítica de K. ESSER, (*Gli Scritti*, 413-420).

- (9) Meu santo Pai, não afasteis de mim o vosso auxílio,  
meu Deus, acudi em meu auxílio. (Sl 70,12)
- (10) Vinde depressa em meu auxílio,  
Senhor, Deus de minha salvação! (Sl 37,23)

O pano de fundo deste salmo são os “sentimentos” de Jesus no Horto das Oliveiras, na iminência de sua prisão e condenação à morte. Aos versículos de diversos salmos, Francisco fez pequenos adendos, como “*Pai santo*”<sup>82</sup> (vv.5 e 9 - extraído de Jo 17,11). Essa adição é, para Francisco, expressão da profunda intimidade de Jesus com o Pai e, ao mesmo tempo, de sua identificação com o projeto do Pai. Por outro lado, o pequeno acréscimo revela igualmente a identificação de Francisco com Cristo. O pronome “meu” (não existente no texto do Evangelho) que Francisco coloca na boca de Jesus aqui é de suma importância. O salmo inicia com Jesus colocando diante de Deus (Pai) sua situação de agonia (v.1). Segue (vv 2-4)<sup>83</sup> expondo sua dor e angústia diante do ódio dos inimigos<sup>84</sup>, bem como a solidão (vv. 7-8) pelo abandono e traição dos amigos.

Desse modo, a solidariedade em Francisco neste salmo se manifesta tanto pela sua profunda comunhão com Deus Pai, cujo plano de salvação está sendo rejeitado, quanto com o próprio Jesus que está sendo rejeitado por aqueles que se tornaram seus inimigos porque não o aceitam como “servo fiel e exemplar” a serviço de um plano de salvação para todos, sem exclusão de quem quer que seja, razão última pela qual Jesus está enfrentando a agonia de morte. Francisco comunga com esta situação de Jesus Cristo: incompreendido por todos,

<sup>82</sup> Francisco faz uso duas vezes (e uma delas acompanhada do pronome “meu”) da expressão “Santo Pai” (Jo 17) que Jesus usa na sua oração sacerdotal, logo antes de iniciar a paixão, um texto largamente empregado por Francisco na 1CtFi 1, 14-19 e RNB 22, 41-55. Logo, estes textos de João também se apresentam como contemplações deste momento da paixão do Senhor.

<sup>83</sup> O versículo três é de difícil tradução. Apenas dois manuscritos reportam o versículo original do salmo 108,5 que diz “pagaram-me o bem com o mal”. Porém na maioria dos manuscritos o texto foi modificado por Francisco para “E puseram contra mim os males por Vós”( entenda-se, por vossa causa, ou por causa de Vós). A tradução brasileira seguiu outras traduções como a italiana e a francesa, talvez para facilitar a compreensão. Porém a espanhola (BAC) e a edição crítica de K. Esser mantém o original “*pro vobis*”. Esta maneira de dizer expressaria melhor a rejeição sofrida por Jesus Cristo pela sua fidelidade ao Pai. É a esta fidelidade que Francisco aspira se associar. Porém L. Gallant na sua tese de doutorado propõe que se use *bonis* ao invés de *vobis* (Apud: F. UBIBE. *L'edizione esseriana*, 474). Não temos condições de fornecer os argumentos de Gallant porque sua obra não foi publicada.

<sup>84</sup> Francisco evoca a palavra “inimigos” 30 vezes nos seus escritos. Destas, 12 vezes no OfP. (Mais duas vezes fala em “adversários”.) Convém ter presente que nunca se trata de seus inimigos pessoais, resultado de ofensas. Estes “se tornaram” inimigos, assim como os inimigos de Cristo, porque de alguma forma se sentiram “prejudicados” por uma nova prática de vida que os questionava e os obrigava a uma inversão completa de seus valores de vida, o que se lhes configurava uma verdadeira morte à sua presente forma de viver. Então reagem ferrenhamente e pretendem eliminar quem, mediante um comportamento alternativo, lhes faz tal acusação.

abandonado pelos amigos, rejeitado pelos mais próximos, mas ao mesmo tempo comprometido com a salvação de todos, a ponto de, para isso, se entregar à morte. Respira-se, de fato, neste salmo, uma com-paixão com Jesus em sua condição de excluído social e, ao mesmo tempo, uma comunhão intensa com o Pai. Daí a confiança extrema em Deus Pai (vv. 9-10) que lhe permite seguir seu caminho de aniquilamento para chegar à situação dos mais ínfimos.

### *Salmo 2, Matinas*

- (1) Senhor, Deus de minha salvação, dia e noite clamei diante de vossa face. (Sl 87,2)
- (2) Chegue à vossa presença minha oração, inclinaí vosso ouvido à minha súplica. (Sl 87,3)
- (3) Acorrei à minha alma e livrai-a. Salvai-me dos meus inimigos. (Sl 21,10)
- (4) Pois fostes vós que me extraístes do ventre de minha mãe, minha esperança desde os peitos de minha mãe: de vós dependo desde o seio de minha mãe. (Sl 21,11)
- (5) Vós sois meu Deus desde o ventre de minha mãe, não vos retireis de mim. (Sl 68,20)
- (6) Vós conheceis o meu opróbrio e minha confusão e minha grande humilhação. (Sl 68,21)
- (7) Ante vossos olhos estão todos os que me confundem; meu coração contava com os seus ultrajes. (Sl 68,21)
- (8) Esperei em vão quem tivesse compaixão de mim, quem me consolasse, e não encontrei. (Sl 68,21)
- (9) Ó Deus, os soberbos se levantaram contra mim, uma turba de prepotentes atentava contra minha vida, e a vós não tinham presente ante seus olhos. (Sl 85,14).
- (10) Já sou contado entre os que descem à tumba, Tal qual um homem inválido, sem recurso, abandonado aos mortos. (Sl 87,5-6)
- (11) Vós sois meu santíssimo Pai, meu Rei e meu Deus. (Sl 43,5)
- (12) Vinde em meu socorro, Senhor Deus de minha salvação. (Sl 37,23)

Continuando nos mesmos sentimentos de Cristo do salmo anterior (vv. 1-3), Francisco comunga agora com Jesus na sua súplica pelo apoio do Pai, diante das tribulações dos maus tratos dos inimigos e do abandono pelos amigos. Pede ainda forças para aceitar o julgamento injusto do sinédrio que, é fácil prever, incluirá a sentença de sua morte (vv. 9-10). A evocação do nascimento de Jesus no momento da paixão quer traduzir tanto a rejeição sentida por Cristo desde seu nascimento, quanto a contemplação, intimamente unidas do nascimento e da paixão (vv.4-5) como momentos de um único mistério<sup>85</sup>. A seguir, porém, o salmo

<sup>85</sup> M. A. LAVILLA MARTÍN. *La imagen del Siervo*, 270: “A lembrança do nascimento no fundo da angústia de Jesus, diz como Francisco contemplava o nascimento e a paixão intimamente unidos, formando parte da mesma *quénosis* de Cristo, do mesmo movimento descendente de Cristo”. Embora seja difícil comprovar uma relação direta em Francisco com os “Cânticos do Servo de Javé” (Is 42, 1-9; 49, 1-6; 50, 4 -11 e 52,13 - 53,12) a idéia do Servo Sofredor escolhido já antes do nascimento para a missão de reunir e resgatar o povo (Is. 42, 6; 49,1) está presente aqui. Há que se saber que a mesma idéia também se encontra no salmo 21,10-11 e em Jr 20, 4-18. Pode ser esta uma maneira de mostrar a percepção do movimento salvífico de Deus que ultrapassa a vida da pessoa.

finaliza mostrando total confiança no Pai (vv. 11-12), invocado com os qualificativos de “meu Rei e meu Deus”.

A nosso aviso, esta invocação final de “meu Rei e meu Deus”, à semelhança daquela que aparecerá na conclusão do OfP (“O Senhor reinou pela cruz”) é a chave para captar a maneira pela qual Deus manifesta sua solidariedade com os homens: Jesus Cristo aceita ir descendo para junto daqueles que “já são contados entre os que descem à tumba”(v.10), isto é, os inúteis, os rejeitados por todos, os excluídos, a fim de devolver-lhes a dignidade e a salvação. Por essa razão Francisco não celebra a tristeza e a dor de Jesus humilhado, mas celebra sobretudo a capacidade (poder) de solidarização de Deus que se manifestou ao longo de toda a vida de Jesus, desde que assumiu a nossa fragilidade no ventre materno até se encontrar na região da morte.

### *Salmo 3, Hora Prima*

- (1) Tende piedade de mim, ó Deus, tende piedade de mim,  
porque a minha alma em vós procura seu refúgio. (Sl 56,2)
- (2) Abrigo-me à sombra de vossas asas até que a tormenta passe.(Sl 56,2)
- (3) Clamarei ao meu supremo Pai santíssimo,  
ao Deus que me cumulou de benefícios.(Sl 56,3)
- (4) Enviou do céu o auxílio que me salvou,  
cobriu de confusão os que me perseguiram. (Sl 56,4)
- (5) Deus estendeu sua mão e sua verdade, livrou-me dum inimigo poderoso e  
daqueles que me odeiam, de adversários mais fortes do que eu.  
(Sl 56,4-5; Sl 17,18).
- (6) Eles armaram laços aos meus pés, e dobraram minha alma ao chão. (Sl 56,7)
- (7) Diante de mim cavaram uma fossa; caíram nela eles mesmos. (Sl 56,7)
- (8) Disposto está o meu coração, meu Deus, disposto está o meu coração  
Para cantar e entoar hinos de louvor. (Sl 56,8)
- (9) Desperta-te meu canto de glória, despertai-vos harpa e cítara,  
levantar-me-ei pela aurora. (Sl 56,9)
- (10) Entre os povos, Senhor, vos louvarei,  
salmodiarei a vós entre os gentios.(Sl 56,10)
- (11) Porque aos céus se eleva a vossa misericórdia  
e até as nuvens vossa verdade.(Sl 56, 11)
- (12) Elevai-vos, ó Deus, nas alturas dos céus,  
E brilhe vossa glória sobre toda a terra. (Sl 56,12)

Este salmo, basicamente composto a partir do salmo 56(57), sem dúvida, tem presente o julgamento de Jesus Cristo pelo sinédrio com as tentativas de incriminá-lo em alguma falta (v.6). Está permeado, porém, de uma profunda confiança e esperança em Deus que lhe dará a vitória final. Francisco já antecipa aqui a ressurreição, pois, como era rezado ao amanhecer do dia, coincidia com o momento em que a primeira testemunha da ressurreição (Maria Madalena) teve

seu primeiro encontro com o ressuscitado<sup>86</sup>. Por isso, se na primeira parte continua a súplica do salmo anterior, a partir do versículo 8 (mas já perceptível no sexto), Francisco passa a celebrar a força de ressurreição pressentida.

A dimensão solidária aqui é manifestada enquanto Francisco contempla a Cristo que se sente unido e identificado com Deus que vence pela lógica do amor: “descendo aos infernos”. É importante sempre repetir que a genuína solidariedade é “impotência”, isto é, apresenta-se despida da força e do poder no sentido de intervenção abrupta na história, pois todo o poder e prepotência são profundamente opressores, mesmo se revestidos de “cortesia”. Assim composto o salmo transparece a compaixão de Francisco com esse modo de ser quenótico de Deus, o Emanuel. Francisco aspira incorporar esse modo de ser de Deus revelado em Cristo.

#### *Salmo 4, Hora Terça*

- (1) Tende piedade de mim, ó Deus, porque aos pés me pisaram os homens, sem cessar me oprime o adversário. (Sl 55,2)
- (2) Meus inimigos continuamente me espezinharam, pois são numerosos os que me combatem. (Sl 55,3)
- (3) Todos os meus inimigos urdiam males contra mim, reuniram-se em conselho contra mim. (Sl 48,8-9)
- (4) Os que insidiavam minha vida, reuniram-se em conselho contra mim. (Sl 70,10)
- (5) Eles saíam para fora e confabulavam. (Sl 40,7-8)
- (6) Todos os que me viam zombavam de mim, falavam com os lábios e meneavam a cabeça. (Sl 21,8)
- (7) Eu porém, sou um verme, não um homem, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe. (Sl 21,7)
- (8) Por causa dos meus inimigos tornei-me opróbrio para meus vizinhos, e o horror dos meus conhecidos. (Sl 30, 12)
- (9) Santo Pai, não afasteis de mim a vossa ajuda, Senhor, Deus de minha salvação. (Sl, 21,20)
- (10) Apressai-vos em socorrer-me, Senhor Deus, meu Salvador. (Sl 37,23)

Neste salmo Francisco rememora as cenas de tortura e a condenação injusta à morte de Cristo sob o poder de Pilatos. Aqui Cristo é contemplado *pisado* por todos, qual um “verme”, como o sugerem Sl 21,7 e Is 53,3. É a imagem da situação humana em seu pior estado possível de degradação: abaixo disso, só a morte. Não seria a maneira de Francisco cantar a solidariedade de Deus que o leva

---

<sup>86</sup> Seja por ser uma pessoa convertida, seja, porque foi a primeira pessoa a se encontrar com o ressuscitado e encarregada de ir anunciar a Ressurreição aos apóstolos, Francisco lhe era muito devoto. Em vários lugares, como nos Carceri, em Assis, em Fonte Colombo, perto de Rieti, no Alverne, onde haviam eremitérios freqüentados por ele, também havia uma capelinha dedicada a Santa Maria Madalena. É possível que haja uma estreita relação entre esses fatos.

a se abaixar ao extremo e dar a vida em favor dos oprimidos? Tenha-se presente que os que condenam Jesus à morte não são os pequenos e fracos, mas antes os homens poderosos. Estes o reduzem ao estado de “verme”. Pode-se entrever aqui toda a conflitividade histórico-política que levou Jesus à morte por se haver aliado à causa dos pobres e marginalizados.

Por isso não esmorece em Cristo a confiança em Deus, ou melhor, no Pai (v.9). Quanto mais alguém se solidariza com a força de *quénosis* divina e com sua causa, mais se sentirá estranho entre aqueles que vivem na dinâmica narcisística da vida. Por isso a prece dirigida na confiança ao Pai para que o sustente e apóie.

### *Salmo 5, Hora Sexta*

- (1) Com minha voz clamei ao Senhor,  
com minha voz supliquei ao Senhor. (Sl 141,2)
- (2) Derramo ante sua face minha oração,  
e lhe exponho toda a minha angústia. (Sl 141,3)
- (3) Na hora em que o espírito desfalece,  
vós conheceis o meu caminho. (Sl 141,4)
- (4) Na senda em que andava, ocultaram-me um laço. (Sl 141,4)
- (5) Olhava para a direita e observava,  
e todos simulavam não conhecer-me. (Sl 141,5)
- (6) Não existe para mim um refúgio,  
e não há quem se interesse por minha vida.(Sl 141,5)
- (7) Pois foi por vós que eu sofri afrontas,  
e o rubor da confusão subiu-me à face. (Sl 68,8)
- (8) Tornei-me um estranho para os meus irmãos,  
um desconhecido para os filhos de minha mãe.(Sl 68,9)
- (9) Pai santo, o zelo de vossa casa me consome,  
e os insultos dos que vos ultrajam caíram sobre mim. (Sl 68,10)
- (10) E na minha desgraça eles se reuniram para se alegrar,  
juntaram-se para me dilacerar a golpes sem eu saber porquê.(Sl 34,15)
- (11) Mais numerosos do que os cabelos de minha cabeça,  
os que me detestam sem razão. (Sl 68,5)
- (12) Tornaram-se fortes os meus inimigos que me perseguiram injustamente;  
o que não roubei quiseram que eu restituísse.(Sl 68,5)
- (12) Surgiram testemunhas falsas,  
interrogaram-me sobre o que eu desconhecia.(Sl 34,11)
- (14) Retribuíram-me o mal pelo bem recebido,  
e caluniavam-me porque eu queria fazer o bem. (Sl 37,21)
- (15) Vós sois meu Pai santíssimo, meu Rei e meu Deus. (Sl 43,5)
- (16) Vinde, depressa, em meu auxílio, Senhor, Deus de minha salvação. (Sl 37,23)

Este salmo lembra o sofrimento (físico e, sobretudo, espiritual) de Jesus na cruz (vv 3,5,6,7,8,9-14). Mas contém, sobretudo, a nosso aviso, também a origem ou a causa da solidariedade de Deus conosco (v. 9): “O zelo de tua casa me consome e os insultos dos que te ultrajavam caíram sobre mim”<sup>87</sup>. Já no v. 7

<sup>87</sup> M. A. LAVILLA MARTÍN (*La imagen del Siervo*, 272) não chega a perceber a dimensão da solidariedade, porque sua preocupação é apenas a dimensão do Servo, está muito próximo quando

Francisco colocava na boca de Jesus a frase: “Foi por vós que eu sofri afrontas”. Isto é, percebia Jesus Cristo sendo perseguido injustamente, por ter assumido a causa do Pai (o cuidado da casa do Pai) que é o resgate da dignidade de todas as pessoas, a partir de uma proposta de vida configurada por novos valores que constroem verdadeira fraternidade. Entrar nesse projeto de Deus significa opor-se a toda uma estrutura de vida e a uma mentalidade que, ao invés de salvar os outros, os explora e oprime. Jesus Cristo é, então, o servo extremamente fiel e solidário com essa causa do Pai: a salvação de todos os homens. Em razão desta fidelidade e solidariedade a Deus e aos homens, Cristo está pregado na cruz. Esta é, portanto, a verdadeira razão de seu sofrimento.

No tempo em que elaborava este OfP, o próprio Francisco, muito provavelmente, já estava sentindo (certa) oposição da parte da própria fraternidade, fato que o capacita a detectar na vida de Cristo também uma situação de incompreensão e rejeição da parte de muitos (vv.5-8). Tratar-se-ia da conhecida crise ou da “grande tentação” que Francisco enfrentou ao longo dos anos de 1220-24 e que o fazia até retirar-se da fraternidade para tempos fortes de oração, para poder refazer-se interiormente<sup>88</sup>. No *Testamento* deixa entrever que o “zelo pela casa de Deus” já não era a razão última do viver para muitos confrades, e sim o desejo de segurança social e de proteção eclesial, mesmo se a partir do pauperismo<sup>89</sup>. Transparece neste salmo assim uma profunda compaixão de Francisco com Jesus Cristo e de Jesus Cristo com o Pai.

### *Salmo 6, Hora Noa*

- (1) Ó vós todos que passais pelo caminho  
atendei e vede se há dor semelhante à minha dor.(Lam 1,12)
- (2) Porque rodeou-me uma malta de cães,  
cercou-me um bando de malfeitores.(Sl 21,17)

---

diz: “Os vv. 7-9 nos oferecem o motivo da imolação de Jesus Cristo. Foi o amor e a obediência filial de Jesus Cristo ao Pai a razão de sua entrega; sua paixão não é gratuita, mas responde à sua *disposição de arcar com o ódio e o rechaço que os homens têm ao Pai*”. (grifo nosso)

<sup>88</sup> São muitas as referências nas fontes a respeito do “desencontro” de Francisco com os irmãos, especialmente com as lideranças (partido dos doutos), sobretudo nas fontes de origem leonina como na Legenda Perusina (68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 83, 84, 85, 86, 114) e no Espelho de Perfeição (67, 68, 69, 70) e seus paralelos. O próprio Celano (2Cel 157) narra que Francisco se retirava dos confrades para não ouvir falar dos escândalos. Faziam parte ainda desta “tentação” os sofrimentos morais que podem ser percebidos por ocasião da composição do Cântico do Irmão Sol” (LP 43; EP 100) e da impressão dos Estigmas. O tipo de linguagem do Testamento pode sugerir indícios desta situação que, embora superada, ainda lhe causava profunda dor.

<sup>89</sup> É possível vislumbrar isso ao longo de toda a segunda parte, a mais exortativa (vv. 24-33), através do linguajar enérgico e, também, em força das exortações compreendidas entre os versículos 24 a 33.

- (3) Eles olharam para mim e me observaram bem,  
repartiram entre si as minhas vestes  
e lançaram a sorte sobre a minha túnica.(Sl 21,18-19)
- (4) Transpassaram as minhas mãos e os meus pés  
e contaram todos os meus ossos.(Sl 21,17-18)
- (5) Contra mim eles abriram suas fauces,  
como um leão que ruga e arbata.(Sl 21,14)
- (4) Pareço-me com água derramada,  
e desconjuntados estão todos os meus ossos.(Sl 21,15)
- (5) Meu coração tornou-se como de cera  
que se derrete nas minhas entranhas.(Sl 21,15)
- (6) Ressequido como o caco de louça está o meu vigor  
e gruda-se no meu paladar a minha língua.(Sl 21,16)
- (7) Deram-me fel por alimento,  
na minha sede deram-me vinagre a beber.(Sl 68,22)
- (8) Reduziram-me ao pó da morte,  
e reduplicaram a dor de minhas chagas. (Sl 68,27)
- (11) Deitei-me a dormir e levantei-me de novo  
e meu santíssimo Pai me recebeu com honras.(Sl 3,6; 72,24)
- (12) Santíssimo Pai, vós me tomastes pela mão direita,  
vossos desígnios me conduziram e me recebestes com honras.(Sl 72,24)
- (13) Pois quem senão vós existe para mim no céu,  
e o que desejei na terra senão a vós? (Sl 72,25)
- (14) Reparai e reconhecei que sou Deus, diz o Senhor,  
dominarei sobre as nações e sobre toda a terra. (Sl 45,11)
- (15) Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que libertou com seu próprio sangue  
sacratíssimo as almas de seus servos;  
não serão desamparados os que nele esperam. (Sl 33,23)
- (16) E sabemos que ele vem, que virá julgar o mundo com justiça. (Sl 95,13)

Este salmo, que na opinião de vários estudiosos retrata o crucifixo de São Damião, tem como pano de fundo o tempo em que Cristo esteve sofrendo na cruz bem como sua morte (vv.1-10), mas culmina com a celebração de sua ressurreição. Francisco consegue celebrar aqui a “coincidência dos contrários”. Neste salmo transparece a dinâmica existencial do hino cristológico da Carta de Paulo aos Filipenses (2,6-11), nunca citado expressamente por Francisco, mas cujo conteúdo é perceptível em vários momentos. É a dinâmica da transcendência à glorificação: da condição divina ao mais profundo rabaixamento na escala social, para, de novo, elevar-se à grandeza mais excelsa. Espoliando-se da condição divina, assume a forma quase infra-humana de escravo em solidariedade aos que se vêem “cercados por malta de cães e bando de malfeitores”, passa pela morte ignominiosa de um condenado à cruz para chegar à glorificação à direita de Deus<sup>90</sup>. Importante é perceber o móvel dessa relação: O

<sup>90</sup> Assim se expressa M. A. LAVILLA MARTÍN (*La imagen del Siervo*, 273): “Assim Francisco proclama a vitória em meio ao seu abaixamento mais profundo. Na sexta-feira santa, dia do sofrimento extremo de Cristo, canta a glória da Páscoa, dia de seu triunfo definitivo. Esta união inseparável entre a *quénosis* de Cristo e sua glorificação confirma a contemplação unitária do mistério de Cristo”.

Verbo de Deus encarnado em Jesus opta por descer à condição infra-humana (condição de escravo e condenação à pior morte) em solidariedade aos “que vivem na região da morte” para resgatá-los de lá e conduzi-los à verdadeira vida. “Morreu por nós”, repete cerca de 30 vezes o Novo Testamento<sup>91</sup> Porém é inegável a dimensão de escolha solidária já em Deus e que Jesus Cristo, servo fiel, concretizou historicamente. Esta opção de Cristo se tornará paradigmática para Francisco: segue-se a Cristo reproduzindo na própria existência essa mesma atitude fundamental de Jesus Cristo.

### *Salmo 7, Vésperas*

- (1) Povos, batei palmas de aplauso, aclamai a Deus com vozes alegres.(Sl 46,2)
- (2) Porque o Senhor é excelso e terrível, Rei supremo de toda a terra.(Sl 46,3)
- (3) *Eis que o santíssimo Pai celestial, nosso Rei,*  
*enviou desde os tempos antigos do alto seu diletto Filho*<sup>92</sup>,  
e operou a salvação por toda a terra. (Sl 73,12)
- (4) Alegrem-se os céus, rejubile a terra, ressoe o mar com tudo o que ele contém, rejubilem-se os campos e o que neles existe (Sl 95,11-12)
- (5) Cantai ao Senhor um canto novo, cantai ao Senhor, universo inteiro.(Sl 95,1)
- (6) Porque o Senhor é grande e digno de louvor,  
é mais temível que todos os deuses. (Sl 95,4)
- (7) Daí ao Senhor, ó famílias dos povos,  
daí glória e poder ao nome do Senhor.(Sl 95,7)
- (8) *Oferecei em holocausto os vossos corpos e carregai a sua santa cruz;*  
*observai até o fim a sua santa lei.* (Lc 14,27; 1 Pd 2,21)<sup>93</sup>
- (9) Trema ao seu olhar a face da terra;  
anunciai entre os povos que (do lenho) reina o Senhor<sup>94</sup>. (Sl 95,9)

Este é o salmo da Ressurreição. Para Francisco, a vida venceu a morte no crucificado. Toda a Igreja e todo o cosmos são convidados ao louvor e à exultação pela vitória do amor de Deus (vv. 1-7). Porém o autêntico louvor consiste em viver a mesma opção fundamental de vida de Jesus Cristo: “oferecer em holocausto o próprio corpo (pessoa) e carregar a sua santa cruz” (v.8), quer dizer, colocar-se numa atitude fundamental de plena disponibilidade ao desígnio

<sup>91</sup> B. SESBOÛÉ, *Jesucristo, el único mediador*, 128-133.

<sup>92</sup> Esta tradução é incorreta. Deveria ser substituída por: “O santíssimo Pai dos céus, nosso Rei antes dos séculos, enviou do alto seu filho diletto”. É assim que traduzem as edições italiana, espanhola e francesa.

<sup>93</sup> Os versículos 3 e 8 estão em itálico porque são acréscimos pessoais de Francisco e não extraídos do Livro dos Salmos. Segundo seu costume, contempla a totalidade do mistério cristológico em cada momento da vida de Cristo. Aqui, na comemoração da Páscoa, já inclui o mistério da encarnação. Por serem acréscimos de Francisco estes versículos se tornam os mais importantes para se conhecer sua espiritualidade.

<sup>94</sup> Os demais versículos do salmo nós não transcrevemos, porque foram adicionados para o tempo pascal até a festa da Ascensão. Mas Francisco faz menção inclusive da Parusia (v. 12)

divino. Louvar genuinamente é assumir a própria condição de discípulo, seguindo as pegadas daquele que nos deixou o exemplo morrendo na cruz por nós.

Francisco recorda aqui que a vitória de Cristo sempre será uma vitória peculiar: “Anunciai que (do lenho) o Senhor reina”(v.9)<sup>95</sup>. Parece que nosso santo faça uma pequena alteração na frase para frisar que o poder de Deus não é jamais um poder despótico e dominador. Passou para isso o verbo reina para o pretérito passado (reinou), mas, ao contrário, é um poder de despojar-se, de descer aos últimos, aos que vivem na “região da morte”(condenados a morrer) para devolver-lhes a vida e a dignidade. Ou em outras palavras, como diria vários séculos depois de Francisco, o teólogo alemão J. Moltmann: nosso Deus é um Deus crucificado. A cruz é o legítimo lugar desde onde se deve fazer teologia. Deus é verdadeiramente compreendido desde a cruz. Na cruz, então, se encontra a chave para a correta compreensão de Deus, de seu poder e de seu amor. Por isso, para Francisco o ponto culminante da celebração do tríduo pascal é a proclamação que o “Senhor reinou pela cruz”. De fato, esta frase se torna propriamente o ponto de convergência da estrutura básica do OfP. O restante deste salmo e os demais oito salmos deviam ser rezados nos diversos tempos litúrgicos específicos.

Note-se ainda que Francisco associa a Páscoa ao Natal com o versículo três. Como já dissemos, além de ver a totalidade do mistério de Cristo em cada momento da sua vida, dado também observado pela maioria dos estudiosos, há que se ressaltar que Francisco vê a encarnação do Verbo participando da mesma lógica de amor expresso na cruz. Então também no Natal, igualmente, se revela a vitória do amor de Deus que desce ao nosso nível: “O Pai enviou do alto o seu Filho dileto”. Para ele, repetindo, encarnação e paixão são duas facetas da mesma

---

<sup>95</sup> É interessante observar-se que, geralmente, nos momentos em que Francisco expressa mais claramente sua peculiaridade, as traduções não prestem a devida atenção, às vezes descaracterizando completamente o conteúdo. Aqui, por exemplo, o texto original diz claramente (em seis dos oito manuscritos conhecidos) “*Dominus regnavit a ligno*”. A versão oficial italiana das Fontes traduz “o Senhor reina” como diz o salmo 95,10. A edição francesa optou pela tradução literal: “O Senhor reinou pelo madeiro”. A versão brasileira atual pôs entre parêntese “do lenho” (por que é estranho e difícil de aceitar?) e manteve o verbo também no presente como o salmo 95. A versão mais fiel, segundo nosso parecer, é a espanhola da BAC: “O Senhor reinou desde o madeiro”. Essa nos parece traduzir a visão de Francisco que viu na morte da cruz o máximo de grandeza do amor de Deus. A preposição “desde” pode referir-se quer ao tempo cronológico quer ao local geográfico da crucificação, quer ao seu momento histórico-existencial (alguém que morre na pior das condições humanas, como um desfigurado). É *desde* esse lugar histórico e geográfico que Deus reina. Desde a morte na cruz (em solidariedade com os mais à margem e mais ultrajados da sociedade) Ele revelou toda a força de seu amor, de sua humildade, de sua solidariedade. Percebe-se, assim, como a teologia joanina está viva neste modo de Francisco ler a Paixão do Senhor.

realidade. A paixão é a culminância da *quénosis* já enunciada, de certa forma, com a encarnação. E esta vai além do simples despojamento; é um despojamento para estar junto aos mais fracos, participar de sua condição (infra) humana.

-----

Concluindo este item podemos dizer que Francisco vive a solidariedade de Deus em Jesus Cristo na atitude de despojar-se, fazendo-se literalmente nada (morto), a fim de estar com aqueles que estão “à beira do caminho”, como os leprosos e tantas outras pessoas ou mesmo categorias de pessoas no seu tempo, aliás sempre presentes em todos os tempos. Assim como Francisco se encanta diante do nascimento de Cristo porque “se fez dependente de peitos humanos”<sup>96</sup> e “assumi nossa carne de humanidade e fragilidade”(2CtFi 4), assim também vibra porque “Deus venceu pela cruz”, venceu desde a cruz, desde baixo, na lógica do amor que se esvazia, porque o amado é a razão do amante. Esta infinita capacidade de Deus abaixar-se para ir ao encontro de quem está “contado entre os que habitam na região da morte” se torna uma atitude paradigmática e programática para Francisco: no seguimento de seus passos é preciso ir, como “menor”, ao encontro dos pequenos e do próprio Deus que se fez pequeno com os pequenos. Eis aí a dinâmica da solidariedade: o grito do sofredor se impõe como apelo ético, levando a comprometer-se com ele de modo sempre mais intenso até morrer por sua causa. É o que se constata na visão que Francisco manifesta de Jesus Cristo nestes salmos do Ofício da Paixão. Eis, por excelência, a vertente da compaixão pela paixão do Senhor.

#### 4.4

### Outras expressões da paixão solidária de Jesus Cristo em Francisco

Tendo percorrido as expressões maiores da solidariedade de Francisco à paixão de Cristo (a cruz de São Damião, o Tau e o Ofício da Paixão), cremos aqui

---

<sup>96</sup> 2 Celano, 199. É pena que Celano depois desta bela afirmação se detenha somente na descrição dos afetos de Francisco para com o Menino de Belém, desperdiçando a chance de contemplar mais demoradamente a dimensão teológica aí vivenciada por Francisco.

importante acenar para outras manifestações menores da compaixão de Francisco pela paixão do Senhor. Procederemos com brevidade, começando por outras expressões encontradas em seus escritos:

#### 4.4.1

#### **A solidariedade na paixão de Jesus Cristo nos demais escritos de Francisco**

Três breves pensamentos de Francisco serão aqui observados:

##### *a) Cristo se oferece para expiar os nossos pecados (2CtFi 11-15)*

Para Francisco, Jesus Cristo não busca o sofrimento em si mesmo, qual um masoquista. Ao contrário, Jesus sofre sempre para salvar os outros, isto é, devido à missão recebida. Observemos esse pequeno texto:

“Ora, a vontade do Pai era que seu bendito Filho glorioso que nos havia dado e o qual *por nós nascera*, se oferecesse a si mesmo por seu próprio sangue como oferenda de sacrifício sobre o altar da cruz, não para si mesmo, ‘por quem foram feitas todas as coisas’, mas *em expiação dos nossos pecados*, legando-nos um exemplo para que seguíssemos suas pegadas. E ele quer que todos sejamos salvos por Ele e o recebamos de coração puro e corpo casto. Mas infelizmente são poucos os que o recebem e *por Ele querem ser salvos*, embora seja suave o seu jugo e leve o seu fardo”(2CtFi 11-15)(grifo nosso).

Esta perícopa conclui a síntese cristológica na segunda *Carta aos Fiéis*. Francisco começou lembrando a entrada de Jesus Cristo neste mundo, assumindo nossa “carne de humanidade e fragilidade” (2CtFi 4) e “escolhendo, juntamente com sua mãe, a vida de pobreza”(2CtFi 5). Segue apresentando a eucaristia como a antecipação de sua imolação na cruz, em obediência<sup>97</sup> à vontade do Pai (2CtFi 10), mesmo se esta lhe faz suar “gotas de sangue” de sofrimento (2CtFi 9). Como já foi lembrado, nesses versículos vê-se todo o mistério cristológico: sua encarnação (v.11), sua paixão e morte (v.11b-13), seu reconhecimento como Salvador (v.14) e a proposta de seu seguimento (v.13-14). Aparece inclusive o contexto de rejeição que Cristo recebe: “são poucos os que o recebem e por Ele querem ser salvos”(v.15).

O que mais importa observar, porém, é a perspectiva na qual se faz memória do mistério: depois de haver nascido “por nós”, Jesus Cristo se oferece “não para

<sup>97</sup> Quando Francisco fala de “obediência”, e não há uma determinação expressa, e sim tão somente um desejo ou uma aspiração profunda, poder-se-ia perceber, na prática, a presença da solidariedade como um pacto livremente assumido.

si mesmo e sim em expiação pelos nossos pecados”. É muito clara a consciência de Francisco de que Cristo é a visibilização de Deus neste mundo, a encarnação do Deus-amor. Pela linguagem (no latim é mais clara ainda) percebe-se como Francisco se solidariza tanto com o plano de salvação de Deus, com o qual se percebe comprometido, quanto com a sua rejeição sofrida da parte daqueles que não querem ser salvos, isto é, são contrários à proposta evangélica. Do primeiro aspecto nasce seu comprometimento no anúncio (por palavras e obras) da salvação; do segundo resulta o sofrimento por aqueles que querem permanecer vivendo segundo a sabedoria do mundo.

**b) Seguir as pegadas de Cristo que sofreu por nós (1Pd 2,21)**

O texto que acabamos de ver contém uma das cinco passagens<sup>98</sup> em que Francisco se refere, de várias formas, a 1Pd 2,21: “Cristo sofreu por nós, legando-nos um exemplo para que seguíssemos suas pegadas”. Segundo O. van Asseldonk esta passagem bíblica está entre aquelas que mais influenciaram a espiritualidade de Francisco<sup>99</sup>. De que sofrimento se trata? Segundo os estudos de Cervantes esta passagem bíblica se situa no núcleo do conteúdo doutrinário e no centro literário da *Carta de Pedro*<sup>100</sup>. Não se trata, pois, somente de um sofrimento qualquer a ser enfrentado por paciência e resignação e do qual não há como fugir. Antes, é um sofrimento fruto da rejeição daqueles que se opõem à proposta de vida que Jesus Cristo veio revelar aos homens, para que reencontrassem o caminho da vida. Portanto, esse sofrimento é consequência de um programa de vida calcado em novas relações justas e fraternas, de uma luta em favor dos outros. Por detrás dessa afirmação de Pedro, segundo Cervantes e também Paulo Nogueira, está, como pano de fundo, o quarto Cântico do “Servo Sofredor”, o qual morre

<sup>98</sup> As citações desta passagem bíblica se encontram em RNB 1,1; 22,2; CtLe 3; CtOr 51e 2CtFi 13.

<sup>99</sup> O. van ASSELDONK (*Le lettere di san Pietro*, 67) logo no início de seu artigo afirma: “A importância particular de nosso tema se revela por dois fatos. O primeiro é que os franciscanos hodiernos, entre os quais e por primeiro de todos K. Esser, são de parecer que ‘seguir as pegadas de Cristo’ seja o centro vital da espiritualidade do santo e de sua Ordem. O segundo fato está na idéia dos biblistas de que os textos da carta de Pedro citados por São Francisco fazem parte da substância característica das cartas petrinas”. O autor analisa outras passagens desta carta: “sujeitos a toda humana criatura” (2,13); “obediência da caridade” (1,22) e “peregrinos e forasteiros” (2,11).

<sup>100</sup> J. CERVANTES Gabarrón. *La pasión de Jesucristo*, 384. Para o autor da carta, a Paixão é o aspecto mais relevante de toda a sua cristologia. E, umas linhas mais abaixo, afirma: “Que a primeira dessas afirmações doutrinárias (Cristo sofreu por nós) coincide com o centro literário da carta e é um indício também da centralidade teológica da paixão de Cristo”.

carregando os nossos pecados (Is 52,13-53,12). O Servo Sofredor é para o autor da *Carta de Pedro* a chave de leitura da vida e da missão de Cristo<sup>101</sup>.

Também nesse ponto é preciso reconhecer que Francisco reconhece a solidariedade de Jesus Cristo de duas formas: em primeiro lugar, enquanto Jesus, mediante sua vida e obras, anuncia a Boa Nova da salvação que Deus oferece. Mesmo encontrando resistência e muito sofrimento, segue decididamente seu programa. E Francisco sente como própria esta missão de Jesus Cristo. E aí, como os estudiosos observam, Francisco se solidariza também com o sofrimento<sup>102</sup>, dispondo-se a enfrentá-lo “com os mesmos sentimentos de Cristo”, como diria Paulo (Fl 2, 5). Sente-se no desejo de sofrer a mesma dor, fruto da mesma causa, porque este tipo de sofrimento faz parte da identidade dos seguidores de Cristo<sup>103</sup> que estão num mundo que não os conhece e aceita.

### c) *A expressão “pro nobis”, (por nós) e similares*

Este terceiro aspecto, o da linguagem de Francisco, não deixa de ser significativo, pois a linguagem sempre acaba revelando a consciência da pessoa. Em doze momentos de seus escritos Francisco emprega a preposição latina “*pro*” (por, a favor de, em prol de) para falar de Jesus Cristo como alguém que vive e morre pelos outros, isto é, homens. Destas doze vezes, sete se referem diretamente à sua paixão e morte em nosso favor, por suas ovelhas<sup>104</sup>. As outras vezes dizem

<sup>101</sup> J. CERVANTES Gabarrón (*La pasión de Jesucristo*, 370): “A característica própria de Primeira Pedro se deixa notar no tratamento original de algumas questões comuns ao NT, tais como a cristologia desde a teologia do Servo Sofredor...” E Paulo A. de Souza NOGUEIRA (*O Evangelho dos sem-teto*, 53) afirma: “Estas palavras se inspiram em Isaías 53, no cântico do “Servo sofredor”. Uma forma de compreender o destino de Jesus, aquele que carrega em seu corpo e em seu sofrimento as culpas e os pecados de todos. Nesta passagem vemos que Cristo sofre em função dos outros, para livrá-los de seus pecados, para libertá-los. Não se trata de um sofrimento em si mesmo, de mera resignação; antes trata-se do sofrimento por outras pessoas, para dar-lhes vida”.

<sup>102</sup> Para J. CERVANTES Gabarrón (*La pasión de Jesucristo*, 371) daqui nasce a exemplaridade do sofrimento de Cristo: “A exemplaridade do sofrimento de Cristo é o fundamento da nova identidade dos cristãos que estão convidados a viver o sofrimento injusto com boas obras, devolvendo o bem pelo mal recebido...”. Em outras palavras, sofrer do jeito de Jesus Cristo faz parte do modo de ser dos cristãos: é a cruz a carregar.

<sup>103</sup> Francisco parece intuir que o sofrimento é parte integrante da identidade cristã (a cruz), quando afirma na sexta admoestação: “Consideremos todos, meus irmãos, o Bom Pastor, que, para salvar suas ovelhas, sofreu a paixão da cruz. As ovelhas do Pastor seguiram-no na tribulação, na perseguição, no opróbrio, na fome, na sede, na enfermidade, na tentação e em todo o mais, e receberam por isso do Senhor a vida eterna. É, pois, uma grande vergonha para nós outros servos de Deus, terem os santos praticado tais obras, e nós quisermos receber honra e glória somente por contar e pregar o que eles fizeram” (Adm 6, 1-3). Esta exortação é de uma grande densidade na perspectiva da solidariedade ao sofrimento de Cristo, considerando-o como parte integrante da identidade do seguidor de Jesus Cristo. Valeria a pena aprofundá-la nesta perspectiva.

<sup>104</sup> Eis os pensamentos em que se encontram as referidas expressões: Adm 6,1: “O Bom Pastor, para salvar suas ovelhas, sofreu a paixão”; RNB 22,34: “Dou a minha vida por minhas ovelhas”;

respeito ao fato de ter nascido por nós (2CtFi 11; OfP 15,7), de orar por nós (RNB 22,43.46.54), de santificar-se por nós (RNB 22,53), de fazer-se pobre por nós neste mundo (RB 6,3). É nítida, então, a consciência de Francisco de que Jesus Cristo é um ser-para-os-outros, que, se enfrenta a paixão da cruz, não o faz nem por masoquismo nem por heroísmo estóico, mas sim movido de compaixão, em nome de Deus que com ele sofre e “morre” na cruz, pelas criaturas que ele criara por amor e que não consegue suportar que elas não encontrem o verdadeiro caminho da vida plena.

#### 4.4.2

#### Os estigmas de Francisco, participação na paixão do Senhor?

Mesmo se o fazemos de forma rápida, é impossível deixar de abordar o fato dos estigmas de Francisco, fato que tem marcado tão profundamente a história de Francisco e da ordem franciscana<sup>105</sup>. Também aqui procederemos antes situando o fato na vida de Francisco segundo as fontes contemporâneas para, depois, buscar a leitura de seu significado. Não reportaremos a descrição da “aparição do Serafim do Alverne”, porque este aspecto não responde ao objetivo desse estudo<sup>106</sup>. Igualmente não interessa debater uma possível explicação do aparecimento físico das chagas<sup>107</sup>.

---

2CtFi 7: “Ofereceu seu sangue derramado por vós e por muitos em remissão dos pecados”; 2CtFi 12: “Ofereceu seu sangue para expiação dos nossos pecados”; 2CtFi 56: “Ó quão glorioso... ter um tal Filho e Irmão que ofereceu sua vida para salvar suas ovelhas”; 2CtFi 63: “A Ele, pois, que tanto sofreu por nós e tanto bem nos fez”; PPN 6: “Reconhecer o amor que vosso dileto Filho teve por nós, bem como tudo o que por nós tem falado, realizado e sofrido”.

<sup>105</sup> Como primeira voz dissonante entre os estudiosos da atualidade devemos registrar aqui a posição de Chiara Frugoni, a historiadora de Roma, que argumenta que os estigmas são “uma história piedosa ou uma audaciosa invenção” e não um dado histórico. Ela chega a essa conclusão por duas vertentes: analisa em primeiro lugar os textos dos contemporâneos constatando neles uma clara evolução desde Elias passando por Celano até Boaventura para comprovar identificação (artificial) de Francisco com Cristo: um *alter Christus*. (Chega a dizer também que Francisco teria morrido com feridas nas mãos e pés, conseqüências da lepra de que era portador). A outra via seguida é a do estudo em ordem cronológica das pinturas deste fato: a figura do anjo acaba se identificando com Cristo e as chagas, que inicialmente se dizia terem aparecido depois, acabam sendo impressas miraculosamente pela imagem. Quer dizer, a visão boaventuriana acabou se impondo historicamente. Para uma breve síntese: C. FRUGONI, *Vita di um uomo*, 119-146. Ou então sua tese: *Francesco e l'invenzione delle stimmate*. Mais recentemente, Donald SPOTO (*São Francisco*, 281-285), teólogo e historiador, comunga com a posição de Frugoni. Todavia, consideramos muito cedo ainda para mudar essa convicção histórica da presença dos Estigmas em Francisco, ainda mais que depois deles são historicamente provados vários outros casos.

<sup>106</sup> Para isso basta se ler, nesta seqüência, as seguintes fontes: 1Cel 94; AP 46; 3Cel 4; LM 13,3 e LTC 69.

<sup>107</sup> Existem ao menos duas versões: a mais amplamente difundida e muito retratada nas pinturas é a impressão dos estigmas por uma espécie de irradiação divina do Serafim ou da teofania do Cristo, ainda que, dentre os biógrafos contemporâneos, apenas Boaventura o sugira claramente. A outra

Embora os hagiógrafos não precisem a data, os historiadores são concordes em que Francisco teria recebido a impressão desses sinais da paixão do Senhor na quaresma de São Miguel no ano de 1224, dois anos antes de sua morte<sup>108</sup>. Pouquíssimos as teriam visto antes de sua morte. Mas na carta anunciando a morte de Francisco, Frei Elias quis dar a este fato grande destaque<sup>109</sup>, considerando-o um milagre dos mais extraordinários. Porém não lhe dá nenhuma interpretação explícita. Parece vê-lo como motivo de grandeza para a nova Ordem Religiosa da qual ele era o ministro geral. Tomás de Celano narra o fato na primeira e terceira redações da vida de Francisco; aparece ainda no AP, na LTC e na Legenda Maior<sup>110</sup>. Há ainda uma pequena anotação no pergaminho da bênção a Frei Leão, escrita por este em tinta vermelha, conservado ainda hoje no Sacro Convento de Assis.

Quanto ao significado deste evento ou experiência de Francisco de Assis, encontramos três posições que, além de não se excluírem, em parte se complementam. São elas: a) a mais comum e mais antiga é a de que os estigmas são, por um lado, o martírio que Francisco pode viver em sua carne, pois desde cedo em sua caminhada espiritual desejara sofrer a paixão como seu Mestre e Senhor e, de outro, uma demonstração concreta da identificação que conseguira

---

de que as chagas teriam se formado depois da teofania (1Cel 94). Atualmente muitos tentam uma explicação psicológica da somatização. Isto é, tanto teria sido a aspiração de Francisco de sofrer como Cristo, que este desejo acabou se traduzindo visivelmente em seu corpo. Adota esta teoria, por exemplo, F. CARDINI, *Francesco d'Assisi*, 244.

<sup>108</sup> Várias dessas fontes contemporâneas citam que teria sido por ocasião da festa da exaltação da Santa Cruz. Há uma tradição de situar esse acontecimento no dia 14 de setembro, como o faz, por exemplo, M. B. BARFUCCI, *Estigmas, Alverne*, 220; O. ENGLEBERT. *Vida de São Francisco*, 274; J. JÖRGENSEN. *São Francisco de Assis*, 325 etc.

<sup>109</sup> Carta de Frei Elias, n. 5 enviada nos dias seguintes à morte de Francisco: “E agora vos anuncio uma grande alegria, um extraordinário milagre. Não se tem ouvido em todo o mundo um portentoso similar, exceto no Filho de Deus. Algum tempo antes de sua morte, nosso irmão e pai, apareceu crucificado, levando impressas em seu corpo as cinco chagas que são, de fato, os estigmas de Cristo. Suas mãos e pés estavam transpassados de lado a lado por pregos e tinham cicatrizes negras. Seu lado também parecia transpassado pela lança, e freqüentemente expelia gotas de sangue”. Porém, deve-se reconhecer que a autenticidade desta parte da carta não é admitida por todos, por questão de crítica interna. D. SPOTO (*São Francisco*, 284) diz que esta carta, vinda a público apenas em 1620, “está vazada em conceitos religiosos, bíblicos e teológicos desconhecidos na época de Francisco, e se refere a práticas franciscanas que não haviam sido desenvolvidas no século XIII”.

<sup>110</sup> As descrições do fato nestas fontes se encontram, respectivamente: 1 Cel 94-95; 3 Cel 4; AP 46; LTC 69 e LM 13,3. A Legenda Perusina 57 faz uma breve menção que tudo indica não ser verdadeira: “Lavaram (leigos) os pés e as mãos de Francisco quando ele já levava as chagas para recolher a água e curar os animais pesteados”. O fato desta obra de origem leonina praticamente não fazer menção ao “prodígio” dos estigmas não deixa de ser significativo.

com Cristo, de quem queria seguir todos os passos<sup>111</sup>; b) outra hipótese seria de que as chagas de Cristo teriam sido uma confirmação de Deus de que ele estava no bom caminho, de que não se havia desviado da vivência do Evangelho, apesar de ser contestado por uma grande maioria dos coirmãos e não ser compreendido pela própria Igreja institucional<sup>112</sup>; c) por fim, a terceira, afirmando que a teofania de Deus em Francisco no Alverne ocorreu em vista dos muçulmanos: Francisco, que se tornara amigo destes, recebeu a revelação de que Deus pode estar crucificado em Jesus Cristo, dado impossível para a visão de fé dos sarracenos<sup>113</sup>.

Concluindo, cremos poder observar que ao longo da história os estigmas foram muito valorizados e sempre vistos como o ponto de culminância da caminhada de identificação ou solidarização de Francisco com Cristo. Porém, de um modo geral, prevaleceram o aspecto “piedoso” e o aspecto de engrandecimento da santidade de Francisco. Não se tem praticamente feito referência ao fato de Francisco meditar a paixão a ponto de compor um “Ofício” especial e rezá-lo diariamente talvez durante 10 anos, mas fazendo pouca referência aos sofrimentos físicos. Esse dado revela o ângulo desde onde Francisco contempla a paixão de seu Senhor e faz dela o núcleo central de sua cristologia como muito bem sintetizou Celano: “Não preciso de mais nada;

<sup>111</sup> Praticamente é a voz comum em todas as fontes contemporâneas que narram o fato. Não obstante isso, se pode perceber, como aliás bem observa, C. Frugoni, uma clara evolução. Enquanto para Celano é fruto do amor à paixão, mas permanece ainda como algo inexplicável, para Boaventura é pura transparência de seu amor à paixão do seu Senhor e de seu alto grau de santidade. Assim 1Cel 90 diz: “Deus fez brilhar a santidade de Francisco por seu amor à Paixão de Jesus Cristo e à sua cruz, através das chagas. Estas são a prova de seu amor particular. Porém é um mistério que só Deus conhece e que ao próprio Francisco só foi revelado em parte”. (Veja-se ainda os nn. 92, 114, 115; e também 2Cel 211). Para Boaventura os estigmas são uma bula da Regra que Deus lhe havia inspirado (LM 4,11) e, sobretudo, uma confirmação de sua santidade (LM 12,12), pois “a carne que ele havia crucificado com todos os seus vícios, se havia transformado em nova criatura já nesta vida, e oferecia a todos, por um privilégio singular, uma imagem da paixão de Cristo e uma prefiguração da Ressurreição” (LM 15,1).

<sup>112</sup> Esta versão é a endossada no filme “Francesco” de Liliana Cavani que foi auxiliada por vários franciscanólogos na montagem do roteiro. Ela o mostra gritando: “*Parlami*”, isto é, responde-me, pois sua angústia era terrível, porquanto via que a proposta, que acreditava ter sido inspirada por Deus e à qual ele se empenhara com todas as forças para implementar, não fora compreendida e ele, assim, permanecia como “*unicum*” na Igreja, segundo G. Miccoli. Sentia-se, por isso, um fracassado, socialmente falando, e, pior ainda, alguém condenado, pois não seguira Deus e sim uma falsa ilusão. Ao receber os estigmas (que neste caso não pedira) sentiu que Deus o confirmava indelevelmente, testemunhando sua configuração com Cristo.

<sup>113</sup> Esta é a hipótese levantada primeiramente pelo professor L. Massignon e depois desenvolvida pelo franciscano G. Basetti-Santi (*Il significato delle stimmate*, 5-10). Francisco, amigo dos muçulmanos, recebeu os estigmas de Cristo para ajudar a convencer os seguidores de Maomé de que Deus foi plenamente homem em Jesus Cristo e, enquanto tal, sofreu a pior das mortes. “Deus é capaz de se aniquilar para salvar”, tese inaceitável para eles. Francisco seria esse profeta que os ajudaria a mudar de crença, seria o profeta que os ajudaria a crer no verdadeiro Deus, não por doutrinas e sim por um testemunho na própria carne.

conheço a Cristo pobre e crucificado”<sup>114</sup>. Estes dois adjetivos parecem ser correlatos: a crucificação é o auge de sua opção pelos pobres, isto é, sua maneira de viver em solidariedade aos últimos para resgatá-los da humilhação e sua utopia do Reino destinado prioritariamente aos pobres, desinstalou o sistema e por isso era necessário eliminá-lo. Francisco captou profundamente esta dinâmica de ser de Jesus Cristo e se apaixonou por ela. Neste sentido vive a paixão pela paixão de Cristo.

#### 4.4.3

#### Francisco solidário à paixão de Cristo segundo seus biógrafos

De um modo geral os seus contemporâneos fazem uma leitura parcial da compaixão de Francisco pela paixão de Cristo. Perdem ou não valorizam suficientemente o horizonte maior de um comprometimento com a missão ou com a causa de Jesus Cristo que o levou a sofrer. Limitam-se a olhar apenas o sofrimento. Seu primeiro biógrafo, talvez influenciando os que o seguiriam, escreveu, por exemplo, que “acima de tudo desejava se aniquilar para estar com Cristo”<sup>115</sup>.

<sup>114</sup> Assim relata Celano: “Quando estava doente e cheio de dores por todos os lados, disse-lhe um companheiro: ‘Pai, sempre te refugiaste nas Escrituras, elas sempre foram um remédio para tuas dores. Peço que mandes ler alguma coisa dos profetas, pode ser que teu espírito exulte no Senhor’. O santo respondeu: ‘É bom ler os testemunhos das Escrituras, é bom procurar nelas Deus nosso Senhor, mas eu já aprendi tantas coisas na Bíblia que para mim é mais do que suficiente meditar e recordar. Não preciso de mais nada, filho. Conheço o pobre Cristo crucificado’” (2Cel 105). (Já observamos que a tradução brasileira atual é incorreta, pois diz: “Já sei que o pobre Cristo foi crucificado”). A LP conta o mesmo fato, mas lhe dá uma interpretação muito diferente e, a nosso ver, mais conforme a espiritualidade de Francisco, como se pode ver: “Mas Francisco respondeu: ‘Irmão, encontro cada dia tal doçura e consolação na memória e meditação sobre a humildade dos passos do Filho de Deus neste mundo, que poderia viver até o fim do mundo sem que me fosse muito necessário ouvir ou meditar outras passagens da Sagrada Escritura’ (LP 58). Esta fonte ao invés de mencionar o crucificado como Celano, fala na humildade do Filho de Deus. A nosso aviso, isso confirma que Francisco contempla a *quénosis* de Jesus Cristo, que se expressou em todo o seu viver e que na cruz teve apenas seu ponto de culminância. O importante é perceber sua parcimônia nas referências aos sofrimentos físicos.

<sup>115</sup> 1Cel 71. Embora no início deste parágrafo esteja um pouco presente o horizonte maior do sofrimento (fruto da missão), logo depois prossegue na perspectiva puramente ascética: “O varão de Deus, Francisco, tinha aprendido a procurar não o que era seu, mas o que lhe parecesse servir melhor à salvação dos outros. Mas, acima de tudo, desejava aniquilar-se para estar com Cristo. Por isso seu esforço maior era manter-se livre de todas as coisas que estão no mundo, para que seu pensamento não tivesse a serenidade perturbada por uma hora sequer de contágio com alguma dessas coisas que não passam de pó”. E o texto segue preocupado com essas questões ascéticas, apenas.

Vinte anos mais tarde, o mesmo hagiógrafo nos conta que Francisco se “dissolvia na compaixão para com a paixão do Senhor”<sup>116</sup>. Pensamento profundo, mas totalmente desvinculado de um contexto estrutural de engajamento. No caso, está falando apenas do modo de rezar do santo. Mais em consonância com a compreensão de Francisco, porém está esta outra afirmação do mesmo biógrafo: “Dizia que não havia coisa mais importante que a salvação das almas e o provava com freqüência ainda maior lembrando que o Unigênito de Deus dignou-se ser crucificado pelas almas. Daí seu esforço na oração, sua facilidade na pregação e seu excesso nos exemplos que dava”<sup>117</sup>. Nessa mesma linha de compreensão de Celano está também a *Legenda Perusina* que trata da solidariedade de Francisco para com a paixão de Cristo em contexto de seus próprios sofrimentos físicos, fruto das múltiplas enfermidades de que estava acometido (fígado, baço, estômago, olhos): “De tal modo se condoía (...) das dores e amarguras que Cristo sofreu por nós, que não se importava dos sofrimentos que ele mesmo padecia”<sup>118</sup>.

Por fim, vale a pena fazer memória de um outro dado significativo neste contexto de reflexão. Trata-se de uma informação oferecida pelo autor das *Considerações dos Sacrossantos Estigmas de São Francisco*, uma fonte tardia, do final do século XIV ou XV. Na terceira das quatro Considerações, aquela que trata da aparição do Serafim e a impressão dos estigmas, encontra-se a notícia de uma oração que Francisco possivelmente rezava<sup>119</sup>. Nela a relação entre a dor e a causa

<sup>116</sup> 2Cel 127. Transcrevemos aqui parte do parágrafo a fim de permitir ao leitor observar o contexto em que se encontra a frase citada: “Às vezes pegava um pedaço de pau no chão, como vi com meus olhos, punha-o sobre o braço esquerdo, segurava na direita um arco de arame, passava-o no pedaço de pau como se fosse um violino e, fazendo os gestos correspondentes, cantava ao Senhor em francês. Frequentemente esta festa toda acabava em lágrimas, e o júbilo se dissolvia na compaixão para com a paixão do Senhor. Então começava a suspirar sem parar, dobrava os gemidos, e logo, esquecido do que tinha nas mãos, era arrebatado ao céu”.

<sup>117</sup> 2Cel 172. O texto continua desse modo: “Achava que não era amigo de Cristo se não amasse as almas que Cristo amava. Essa era a principal causa de veneração pelos doutores...” Parece que o biógrafo intui que haja qualquer coisa de mais significativo, mas não consegue explicitá-la mais detalhadamente.

<sup>118</sup> LP 37. R. MANSELLI (*Nos qui cum eo fuimus*, 276) conclui sua obra dizendo que os companheiros de Francisco o sentem como alguém que se caracteriza pela participação nos sofrimentos dos outros, através da participação nos sofrimentos de Cristo. E isto se torna como que uma “espiritualidade do sofrimento em união a Cristo na comum condição humana”. Porém, não parece demonstrá-lo suficientemente com sua análise da LP.

<sup>119</sup> Eis a oração, segundo as palavras dessa fonte do século XIV, ou pode ser até século XV. As palavras, com certeza, não são próprias do modo de falar e do vocabulário de Francisco: “Ó Senhor meu Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra: a primeira é que em vida eu sinta na alma e no corpo, quanto for possível, aquelas dores que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua acerbíssima paixão; a segunda é que eu sinta no meu coração, quanto for possível, aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para voluntariamente suportar uma tal paixão por nós pecadores”.

da dor de Cristo com as quais Francisco se solidariza está melhor trabalhada do que em Celano. Segundo esta oração, Francisco, na época em que recebeu os estigmas, estaria pedindo ao Senhor duas graças: a primeira de sentir as “dores acerbíssimas” que Jesus suportou durante a paixão; e a segunda de viver o “excessivo amor” que o levou a sofrer daquela maneira. Como se depreende, há uma clara percepção de que foi a solidariedade com a humanidade que levou Cristo a sofrer, todavia a referida fonte permanece com a visão ascética de que ele quis sofrer, sobretudo fisicamente, as mesmas dores. No entanto, esse segundo aspecto é de difícil comprovação pelos seus escritos.

Como conclusão deste item podemos dizer: nos escritos de Francisco transparece uma profunda coesão e unidade de vida com a dinâmica do amor de Deus. Seus biógrafos, porém, estão mais impregnados pela mentalidade do ascetismo moral muito difundido na Idade Média. Pode ser que Francisco também participasse desse ascetismo, porém os textos analisados não nos permitem tirar essa conclusão.

## Conclusão

Os dados examinados a respeito da experiência de Francisco diante do crucificado de São Damião, sua relação com o Tau, o *Ofício da Paixão* por ele “montado” para meditar o mistério da paixão, sua experiência de dois anos com os estigmas, e outros pontos que desenvolvemos acima, nos permitem concluir que, de fato, o mistério da paixão do Senhor era o coração de sua espiritualidade e se constituía na chave de sua visão cristológica. É como ele próprio teria dito, segundo Celano: “Não preciso de mais nada, pois já conheço o Cristo pobre e crucificado”. Isto significa que na paixão de Jesus Cristo Francisco sentia espelhada toda a pessoa e toda a vida de Jesus Cristo. Os traços da identidade de Cristo se revelam de um modo inconfundível na sua paixão e morte de Cruz. Aqui ele se mostra configurado como alguém “dado por nós”, que “sofre por nós”, que “ora por nós”, que “se fez pobre por nós”, que “morre por nós”. Isto é, um ser-para-os-outros, um ser de compaixão, alguém para quem a solidariedade é a lei do agir, alguém que se identifica com a lógica do amor-doação. Parece-nos importante detalhar algumas breves conclusões:

a) Em primeiro lugar importa registrar a clara impressão de que a história não tem sido muito fiel a Francisco, porquanto já desde seus contemporâneos tem-se atribuído demasiada importância à experiência diante do crucificado de São Damião como se aquele momento, nos idos anos de 1205, quando ainda estava em fase inicial de seu processo de conversão, lhe tivesse sido adiantada a impressão dos estigmas. Além disso, muito provavelmente, sua experiência não foi corretamente compreendida: querendo ver a antecipação dos estigmas já desde sua tenra idade, quase se esqueceu que a imagem do Crucificado de São Damião era uma imagem gloriosa do Cristo e que Francisco, que naquele momento da vida, buscava a glória de cavaleiro. Com Jean de Schampheleer pode-se dizer, melhor, que viu naquele crucifixo a imagem de Cristo como o *miles* vencedor, acima de tudo. E é característico do cavaleiro viver a fidelidade ao senhor e sua causa, até as últimas conseqüências, se for preciso.

b) Por outro lado, é lastimável que o *Ofício da Paixão*, “construído” por Francisco, qual peça de mosaico, extremamente harmônica, unicamente para proveito pessoal e rezado diariamente talvez por dez anos, não tenha recebido a merecida atenção ao longo da história. De fato, aquele Ofício se apresenta qual “catedral espiritual” em que Francisco contemplava o Deus encarnado em Jesus Cristo, no dizer de L. Gallant. Neste Ofício está retratado todo o mistério cristológico, do nascimento à parusia, passando pela paixão, ressurreição e ascensão. O que menos se encontra nele é descrição dos sofrimentos físicos. Porém, com caráter dramático, é apresentado todo o sofrimento da rejeição, desprezo e abandono (a exclusão) que sofreu, permitindo-nos afirmar que nisto Francisco contemplava um Jesus Cristo que sofreu como conseqüência de sua solidariedade com a luta pela vida dos que estão embaixo na pirâmide social. A cruz é ainda expressão de sua aniquilação máxima para compartilhar a sorte dos que são espezinhados, a fim de reerguê-los.

c) Os estigmas, desde o início, foram vistos sob três pontos de vista: 1) como um martírio paulatino de dois anos concedido a Francisco em substituição ao martírio cruento que desejava padecer e que, por várias vezes, tentara junto aos sarracenos, como prova de sua grande identificação com Jesus Cristo a quem queria seguir “até o fim” e como um preclaro sinal de eminente santidade de Francisco e, conseqüentemente, motivo de honra para a ordem franciscana. 2) Mais recentemente foram lidos, também, como um sinal de confirmação da parte

de Deus de que Francisco havia percorrido, fielmente o caminho de seguimento do Evangelho, não obstante sentir que a ala mais intelectual da ordem e parte da Igreja institucional lhe negavam apoio à sua proposta de vida. E, por fim, 3) os estigmas são nele, amigo dos muçulmanos, ainda um sinal, de que Deus pode manifestar-se como crucificado, como um impotente e sofredor. Os três enfoques se complementam e que juntos nos revelam também um Francisco ser-para-os-outros, voltado para fora, extremamente solidário com Deus e com os homens por ele amados, transcendendo a visão ascético-masoquista em que muitas vezes acabava aprisionado.

d) Mostramos ainda que o símbolo do Tau está ligado à “libertação”, quer porque se encontra pela primeira vez na Bíblia exatamente no processo de libertação da escravidão do povo hebreu do Egito, porque em *Ezequiel* e no *Apocalipse* é o sinal distintivo de quem vai na contramão da mentalidade mundana. Francisco se identifica com ele e o torna sua assinatura, a marca pessoal de alguém engajado, como o papa Inocência queria, um “campeão” do Tau (cavaleiro, *miles*), de uma nova libertação da sociedade de seu tempo. Também deste ponto de vista, Francisco é uma pessoa sensível aos apelos de Deus e da Igreja, sensível às profundas necessidades da sociedade humana. Faz do Tau, não uma simples devoção, mas símbolo do seu engajamento na luta de Deus, como São Miguel Arcanjo, o defensor da causa de Deus, de quem também era muito “devoto”, segundo as fontes contemporâneas.

e) Por fim, mas o aspecto mais importante, constatamos que sua linguagem está impregnada da mística da dinâmica do amor solidário de Jesus Cristo, cujo rosto é sempre quenótico. Por isso não se expressa apenas dizendo que Jesus Cristo nasceu, sofreu e morreu, mas acrescenta “por nós”, e isso muitas vezes. Se os teólogos atualmente, a começar por Kasper (como vimos no segundo capítulo), entendem que nisto estaria a expressão da solidariedade de Deus com a humanidade, Francisco, na sua grande sensibilidade humana e espiritual parece se antecipar aos teólogos, e dela faz uso inúmeras vezes.

Em resumo, se pudéssemos dizer numa única frase a perspectiva de Francisco em relação à paixão do Senhor diríamos que ele se sente co-envolto, em profunda solidariedade com Jesus Cristo, compartilhando seu dinamismo de vida e de suas causas. A identificação profunda de Francisco com o dinamismo do amor de Deus o leva a representá-lo com fidelidade na história, não como

mimetismo, mas passando pelos mesmos processos de luta, de incompreensão, de auto-aniquilação, semelhantes aos vividos por Jesus Cristo.